



PUC

GRACIELA QUINTANA DE GÓMEZ

DESEJO E ESTRUTURAÇÃO DO SUJEITO:

UMA LEITURA A PARTIR DE TRÊS HIPÓTESES PSICANALÍTICAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 28 de julho de 1995

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 – CEP 22453

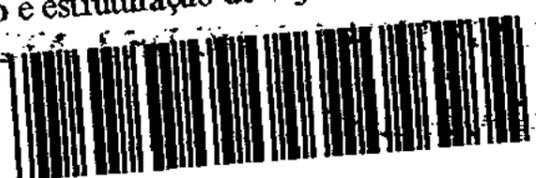
RIO DE JANEIRO – BRASIL

SECRETARIA DE ECONOMIA

SECRETARIA DE ECONOMIA
SECRETARIA DE ECONOMIA

SECRETARIA DE ECONOMIA
SECRETARIA DE ECONOMIA

N.Cham. 150 G633d TESE UC
Título Desejo e estruturação do sujeito



Ex.1 PUCB

0092720

GRACIELA QUINTANA DE GÓMEZ

DESEJO E ESTRUTURAÇÃO DO SUJETO
Uma leitura a partir de três hipóteses psicanalíticas

Dissertação apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC/Rio como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

Professor Orientador: Octavio A. de Souza

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, julho/95



UC-64571-7

150
6633d
RESEUC

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é abordar a problemática do desejo e sua importância na estruturação do sujeito, a partir de três hipóteses levantadas pela psicanálise: a experiência de satisfação, o estágio do espelho e a brincadeira do Fort/Da. A primeira destas hipóteses permite refletir sobre o desejo em sua forma inicial - a alucinação do seio materno. Num segundo momento o desejo é pensado através do modo como ele se estrutura na etapa especular, isto é, como desejo de completar o Outro, de ser o único objeto de seu desejo. Finalmente, a brincadeira do Fort/Da representa o encontro com a linguagem, o momento em que o desejo se faz palavra. A partir deste momento torna-se importante refletir sobre o caráter inconsciente do desejo.

RESUMÉ

L'objectif de ce travail est d'aborder la question du désir et son importance dans la structuration du sujet, à partir de trois hypothèses soulevées par la psychanalyse: l'expérience de satisfaction, le stade du miroir et le jeu du Fort/Da. La première de ces hypothèses permet de réfléchir sur le désir dans sa forme initial: l'allucination du sein. Dans un deuxième temps, le désir est pensé selon la façon dont il se structure dans le stade du miroir, c'est à dire, comme désir de compléter l'Autre, d'être l'unique objet de son désir. Finalement, le jeu du Fort/Da représente la rencontre avec le langage, le moment où le désir se fait parole. A partir de ce moment, il devient important de réfléchir sur le caractère inconscient du désir.

AGRADECIMENTOS

Deseo. Désir. Desejo. Vejo o mundo através destes três idiomas. Agradeço a todos os que me ajudaram a entender que não era um ou outro. Que é possível sonhar, pensar, dizer em qualquer um dos três.

Ao professor Octavio Souza, que sabendo escutar meu desejo de escrever sobre o desejo, orientou-me com sensibilidade e inteligência.

A Zelia Goldfeld que contagia verdade e paixão. A Daniela Ropa cuja palavra é um estímulo ao pensamento. Ambas me ajudaram a compreender algo mais sobre o desejo e a psicanálise.

A Gisele Cittadino, por essa longa e forte história. Ela conseguiu transformar o portunhol em português, com carinho e generosidade.

A Catherine, Marcia, Cunca e Haroldo, pelos momentos compartilhados na Serrinha. Entre suas montanhas, silêncio, e a força da amizade escrevi a maior parte deste trabalho.

A Dominique Grandy, que me ajudou na tradução do francês para o português.

A Regina Cláudia Silva que me assistiu em minhas intermináveis lutas com o computador.

Ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio e ao CNPq pelo apoio financeiro que permitiu realizar este trabalho.

Ao Rio de Janeiro por esse mar, fonte que alegra e vitaliza o pensamento.

Para Luís Alberto, meu pai, pela música e dança que deixou em minha alma.

Para Mercedes, minha mãe, que me ensinou a não desistir.

Para Sebastian, Nicolas e Mariana, filhos queridos. Minha força, minha luz.

Para Cecília Boal, por esse amor tão sábio.

Para José María Gómez, espírito inquieto, com quem continuo descobrindo e inventando a vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
I - DESEJO E EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO	05
1.1 - Introdução	05
1.2 - Sobre O Caráter Intolerável e Protetor do Desejo	07
1.3 - Desejo e experiência de satisfação	23
II - DESEJO E ESTÁGIO DO ESPELHO	39
2.1 - Introdução	39
2.2 - O Imaginário: Identificação Primordial. O Ego Como Unidade Imaginária. Alienação Imaginária	40
2.3 - O Imaginário Emerge do Simbólico: O Narcisismo como Efeito da Intersubjetividade. Sobre a Importância do Amor de Um Outro Real na Estruturação do Sujeito	45
2.4 - Articulação da Problemática do Desejo com a Experiência Especular	52

III -	DESEJO E FORT/DA	64
3.1 -	Introdução	64
3.2 -	Do Jogo do Espelho ao Jogo do FORT/DA	65
3.3 -	Articulação da Problemática do Desejo com a Experiência do FORT/DA: Simbolização de Não Ser Mais o Único Objeto do Desejo Materno	80
CONCLUSÕES		101
BIBLIOGRAFIA		106

"Toque os sinos que ainda tocam
Esqueça as ofertas de perfeição
Há uma rachadura em todas as coisas
E é por elas que a luz entra".

Leonard Cohen

INTRODUÇÃO

Estando à escuta do que se diz atualmente sobre o desejo, surgiu o interesse de saber qual é o significado deste conceito no interior do campo teórico da psicanálise. O desejo é inconsciente ou pode também ser consciente? O desejo pode provocar angústia, sofrimento, ou ele está mais perto da idéia de prazer e gratificação? Que significa dizer que o desejo -motor do psiquismo- é um impulso vital? Este impulso está sempre ligado à vida, mesmo quando se coloca a máscara da morte, do sintoma, do desejo de nada desejar? Qual é a relação entre desejo e realidade, entre desejo e castração? O desejo se manifesta apenas através da palavra ou também por meio de gestos, de atos, de um modo particular de estar no mundo?

Na tentativa de nos aproximarmos dessas questões, escolhemos como eixo de análise a teoria psicanalítica através de uma leitura renovada da obra freudiana, tal como a que foi realizada por J.Lacan e uma série de intérpretes nele inspirados que, em nosso entender, contribuem para uma maior compreensão e esclarecimento da problemática em questão.

Como abordar uma questão tão ampla e complexa? Os três capítulos que compõem nosso trabalho tomam como ponto de partida diferentes experiências que a criança vivencia, desde o nascimento até o momento em que começa a falar: 1) a experiência de satisfação; 2) o estágio do espelho; e 3) a brincadeira do Fort/Da. A partir delas, a psicanálise levanta diferentes hipóteses que possibilitam uma maior compreensão do modo como o psiquismo se constitui e a

importância da dimensão do outro neste processo. Nosso objetivo é refletir sobre estas experiências a partir de sua articulação com a problemática do desejo, isto é, destacando as questões que revelam a importância do desejo no processo de estruturação do sujeito. Nesse sentido, analisamos o modo como o desejo se constitui -desde o momento inicial, quando o bebê alucina o seio materno, até o momento em que ele se faz palavra.

Privilegiar esta abordagem não significa, porém, deixar de lado uma visão estrutural que estende os efeitos dessas experiências para além do momento em que elas são vivenciadas. As questões que vão surgindo em cada capítulo são destacadas apesar de ultrapassarem essa leitura. Elas nos interessam justamente porque demonstram a impossibilidade de se manter em um nível puramente desenvolvimentista e a necessidade de compreender o caráter complexo do processo de estruturação do sujeito, caracterizado por um contínuo vaivém entre simbólico, real e imaginário, isto é, pela profunda imbricação entre estes três registros.

Dizer que de um estágio a outro existe ruptura, corte, significa que existe uma diferença fundamental entre o bebê que alucina o seio, a criança do espelho, e o menino do Fort/Da. Mas marcar e enfatizar esta diferenciação não pode levar a pensar que cada etapa possa ser completamente superada, isto é, que a passagem de uma para outra elimine totalmente a possibilidade de viver algo que já foi vivenciado anteriormente.

A partir desta idéia podemos dizer que o abandono da alucinação do seio não representa a impossibilidade de começar a desejar novamente sob o modo alucinatório, com todo o sofrimento que

isso implicaria num momento posterior da vida do sujeito. Pensando no prazer parcial possibilitado pela alucinação do seio, também pode-se afirmar que deixar de alucinar não significa que o sujeito não seja sempre capaz de se oferecer prazeres substitutivos do prazer alucinatório. Prazeres parciais, limitados, que protegem, reveladores da impossibilidade de ter tudo, mas também da possibilidade de sentir que vale a pena estar neste mundo enquanto sujeitos desejantes.

Em relação à experiência especular, que constitui o objeto de estudo do segundo capítulo, também pode-se afirmar que o sujeito nunca se libera do espelho. O espelho introduz um corte, um elemento de ruptura em relação ao real do corpo fragmentado do momento anterior, mas o real pode voltar sob essa ou outras formas. O espelho protege e narcisiza, ao mesmo tempo que aliena e instaura o conflito. O espelho estrutura, possibilita o reconhecimento como unidade imaginária, mas também nos torna objetos, máscaras diante de nós mesmos e dos outros.

Os efeitos decorrentes da brincadeira do Fort/Da -a partir da qual é analisada a problemática do desejo no terceiro capítulo-, também se estendem para além deste jogo que simboliza o ingresso da criança no mundo da palavra. Com efeito, dizer que através dessa brincadeira a criança renuncia ao desejo de ser o único objeto de desejo do Outro, aceita a falta como constitutiva do desejo, e se torna sujeito de um desejo que pode ser nomeado, não pode levar a pensar que essa passagem -de objeto para sujeito do desejo- seja algo simples, que se conquista para sempre através da possibilidade de brincar com a ausência e a presença do Outro. Passamos muito tempo de nossa vida nesse vaivém. O desamparo estrutural, que caracteriza o

humano, não torna fácil a tarefa de aceitar que o Outro é, igual a nós, um ser faltante, castrado.

A partir desta leitura se abrem novos e múltiplos desdobramentos na problemática do desejo, que servem de estímulo para uma reflexão mais ampla sobre este conceito. Por exemplo: Por que o desejo é sempre desejo do Outro? Que significa, para a psicanálise, o conceito de felicidade? Insistir na impossibilidade de satisfação do desejo supõe privilegiar uma visão pessimista do mundo? Esta idéia não evoca mais uma outra alternativa: a de poder viver num mundo menos perverso, que aceite mais a separação, onde não exista tanta colagem entre sujeito e objeto? Dizer que o desejo é inconsciente supõe uma determinada concepção do sujeito e da linguagem. Quais são as implicações desta afirmação? Ao longo do trabalho pensamos ter levantado alguns elementos de resposta a estas questões que, sem ser exaustivos, apenas permitem nos aproximarmos do desejo de modo mais adequado. O desejo não pode ser confundido com o gozo. Desejo e prazer não são dois opostos. A desilusão necessária mantém a possibilidade de viver com alguma ilusão. A desidealização não elimina o desejo de construir ideais que sirvam numa busca mais prazerosa do mundo.

I - DESEJO E EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO

1.1 - Introdução

A problemática do desejo é abordada pela Psicanálise a partir de uma hipótese formulada por Freud: depois de ter vivenciado a primeira experiência de satisfação, ao se repetir novamente o estado de necessidade, o bebê alucina o seio materno. O impulso que leva o recém-nascido a alucinar o seio quando sente novamente fome, é o desejo em sua forma primeira e o que ele busca, sem conseguir, é reproduzir a experiência inicial de satisfação. Esta hipótese freudiana é analisada a partir da perspectiva indicada por Lacan, que considera a satisfação originária uma satisfação simbólica.

Dizer que esta experiência está marcada pelo simbólico, significa que ela é uma experiência que inclui, necessariamente, a perda e a falta. Existe um ponto, em qualquer satisfação, que não pode ser ultrapassado. Esse ponto constitui uma impossibilidade, uma barreira natural que protege do gozo, ao mesmo tempo que provoca a emergência do desejo como impulso para sempre marcado pela ansia de continuar, de ir além desse limite, para poder completar algo que sempre permanecerá incompleto. Tal é o nosso destino. Destino que se tece desde esse momento inicial em que o objeto seio vem para satisfazer, mas para satisfazer como "um objeto que engana o vazio", nos constituindo enquanto humanos, como diz Safouan. Insistir nesta idéia significa que a satisfação originária não pode ser identificada com uma experiência de "repouso sem falha (...) no qual toda tensão

se anula, se reduz a zero e desaparece". Um tal estado não existe pois, ao se situar no interior de uma relação com o outro, com um outro que fala, esta experiência inclui, necessariamente, uma falta (Safouan, 1988:27).

Em um primeiro momento trabalhamos a problemática do desejo a partir de uma hipótese formulada por Nasio, que diz respeito a seu caráter intolerável e ao mesmo tempo protetor. Escolhemos esta idéia como eixo principal de nossa reflexão porque ela destaca o valor estruturante do desejo, não só sob sua forma primeira -alucinatória-, mas também sob qualquer outra forma que ele assuma posteriormente. Um breve comentário sobre o filme de Kieslovski "A Liberdade é Azul", assim como uma reflexão de M.R.Kehl sobre a relação desejo/prazer/realidade, são incorporados para poder pensar esta idéia a partir de um lugar que incorpora ambas as dimensões. Uma dimensão que se refere à gênese da estrutura, à função do desejo alucinatório na formação do psiquismo, e outra que, sem negar a importância da satisfação originária como experiência instauradora do desejo, a integra num movimento de constante resignificação. Resignificar o passado não só ao nível dos acontecimentos tal como foram vivenciados, mas também através do lugar ocupado no desejo parental, abre novas possibilidades para que o desejo se manifeste das formas mais múltiplas e variadas.

Em um segundo momento, e com o propósito de compreender o alcance e complexidade do desejo, analisamos sua articulação com os conceitos de necessidade e demanda. Nesse sentido destacamos algumas idéias formuladas por Lacan no seminário VII, e acompanhamos uma leitura de inspiração lacaniana tal como a proposta por J.D.Nasio,

M.Safouan e J.Dor, autores que contribuem para o esclarecimento das questões aqui levantadas mas que nem sempre coincidem em suas interpretações.

1.2 - Sobre o Caráter Intolerável e Protetor do Desejo

"O desejo, certamente, é intolerável, mas protege o sujeito contra a tendência, digamos humana, que habita em todos nós, de buscar o limite extremo, o ponto de ruptura, a satisfação absoluta do incesto(...)"

(Nasio, 1993:110).

Privilegiar esta hipótese formulada por J.D.Nasio significa insistir na idéia de que o desejo é um impulso através do qual o processo de humanização se torna possível. Com efeito, desde o instante em que o desejo surge, ele já evoca, através da alucinação do seio materno, um desejo de vida, de separação e "autonomização" em relação ao seio nutridor.

Esta hipótese revela a complexidade do desejo porque nos confronta, desde o primeiro momento, com um paradoxo: como pode o desejo ser ao mesmo tempo intolerável e protetor? Acompanhando o pensamento de Nasio veremos que estes dois aspectos do desejo na

realidade se encontram intimamente ligados, reenviando, ambos, à idéia de impossibilidade de satisfação absoluta do desejo. Em outras palavras, por mais que possamos nos satisfazer com objetos substitutos -seja este o seio alucinado ou qualquer outro objeto que surja posteriormente-, o desejo jamais alcança a satisfação absoluta. O significado e alcance deste postulado só pode ser compreendido se distinguirmos, com Nasio, desejo absoluto e desejo substituto. Embora exista uma articulação fundamental entre o lado intolerável e protetor do desejo, decidimos analisar separadamente estes dois aspectos porque pensamos que eles suscitam o levantamento de questões diferentes.

1.2.1 - Sobre o Caráter Intolerável Do Desejo

Que significa dizer que o desejo alucinatório é intolerável, e em que medida esta idéia pode ser estendida a qualquer desejo que surja posteriormente? Num primeiro momento poderíamos pensar que este caráter se refere ao desprazer que a alucinação provoca porque não consegue eliminar o estado de necessidade. Ao analisar a problemática do desejo no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*, Freud começa definindo-o como um impulso que só pode surgir depois de vivenciada a experiência de satisfação originária. Quando sente novamente fome, diz Freud para explicar a origem do desejo, o bebê alucina o seio

buscando, desse modo, reencontrar o prazer ligado à satisfação inicial. No entanto, o desejo se demonstra incapaz de reencontrar esse prazer originário porque não é possível, através da alucinação, eliminar um estado real de necessidade. É, portanto, a partir da impossibilidade ou incapacidade de satisfazer a necessidade de modo alucinatório, que Freud se refere ao desejo como um impulso que provoca "desprazer" ou "desilusão" (Freud, 1973(I):689).

Será que quando Nasio se propõe a pensar no caráter intolerável do desejo alucinatório, está se referindo ao desprazer decorrente da insatisfação da necessidade? O autor pensa a problemática do desejo a partir de uma perspectiva lacaniana. Isto significa que, se por um lado ele afirma, com Freud, que o desejo é um impulso que só pode surgir depois de vivenciada a experiência de satisfação, por outro lado, ele considera que ela não se reduz ao registro alimentar. É por isso, porque esta experiência originária vai além do registro alimentar, que o desejo alucinatório pode surgir independentemente do estado de necessidade. Em outros termos, como se depreende da seguinte formulação, a criança pode estar saciada em sua fome, satisfeita ao nível da necessidade alimentar e, apesar disso, alucinar o seio:

"A criança sente fome (...), mama, sacia sua fome e, finalmente adormece. No entanto, ao dormir, alucina o seio, como se ainda não estivesse saciada, como se ainda continuasse com vontade, não mais de se alimentar, mas de desejar, ou seja de alimentar seu desejo"

(Nasio, 1993:105).

Pensamos que esta idéia formulada por Nasio não se propõe diminuir a importância do estado de necessidade ou apetência originário -sem o qual não haveria desejo-, mas sim destacar outras questões que antes não foram levantadas e que abrem, em nossa opinião, novas possibilidades de leitura da experiência de satisfação. Nesse sentido pode-se dizer que Nasio não explica o lado intolerável do desejo pelo desprazer decorrente da insatisfação da necessidade. O que ele quer significar ao dizer que a alucinação é um desejo intolerável? Sem dúvida que, na sua concepção, este caráter deriva da insatisfação, mas esta insatisfação não deve ser entendida através do conceito de necessidade -da desilusão causada pelo desejo ao não conseguir, em sua forma alucinatória, eliminar o estado de necessidade-, senão através dos conceitos de desejo e demanda.

1) Explicar o caráter intolerável do desejo através da impossibilidade de alcançar a satisfação total leva J.D.Nasio à necessidade de distinguir desejo absoluto e desejo substituto.

O desejo considerado em termos absolutos é o desejo de incesto. Ele corresponderia, se fosse realizado, à ausência total de desejo, à morte, a um estado de completude, vazio e indiferenciação em que nada é possível porque tudo é possível. Ao não poder ser realizado, representa só uma miragem, miragem de uma felicidade absoluta em que toda tensão é descarregada. Nasio o define como uma "aspiração sempre constante e jamais realizada" que atravessa o ser humano, e cujo objetivo impossível é atingir a felicidade absoluta, um estado no qual não existiria tensão nem conflito (Nasio, 1993:26).

O incesto de que estamos falando, -diz o autor para explicar em que sentido deve ser compreendido este conceito- "é uma suposição postulada pelos psicanalistas" (idem: 111), "uma imagem mítica, sem termo de comparação com a realidade concreta e mórbida" do incesto real, que pode assumir diferentes formas dependendo do ângulo em que o sujeito se situe (idem:28). No entanto, dizer que o incesto do desejo absoluto não pode ser identificado com o incesto real, não significa que se ele for realizado, independentemente da forma que ele assuma, não implique na morte psíquica do sujeito, isto é, na abolição total do mundo do desejo e da demanda. A partir desta perspectiva pode-se compreender que o desejo considerado em termos absolutos é intolerável.

Quando não realizado, persiste como ilusão de completude e harmonia absoluta, como limite que instaura e anima o desejo, como ponto que, não podendo ser ultrapassado, chama o desejo. Um desejo agora substituto do desejo absoluto que, como a alucinação, jamais alcança a satisfação total. A alucinação é a primeira forma que assume o desejo substituto porque é através dela que o recém-nascido começa a construir algo próprio e pode aceder ao universo do desejo. Considerada sob este ângulo, a alucinação não é definida só a partir do desprazer que pode causar nem do impasse onde conduz ao funcionar segundo as leis do processo primário, mas também em termos de algo que possibilita uma separação, o primeiro passo para um processo de "autonomização". Para que esta possibilidade seja aberta à criança, no entanto, é preciso dizer que a mãe, ou melhor, o seio real, não pode ser um seio que acalme permanentemente. Em outros termos, se por um lado a ausência de satisfação por um seio real traz consequências

porque nem sequer permite a continuação da vida ao nível biológico, também o excesso de presença pode acarretar consequências deploráveis para o psiquismo no sentido em que ele nega, à criança, qualquer possibilidade de desejar. Pensar o desejo alucinatório desse modo nos parece interessante porque abre outras possibilidades de leitura que vão além do impasse provocado pela alucinação. No entanto, a partir desta perspectiva nos parece difícil pensarmos o desejo substituto alucinatório como algo intolerável. Com efeito, por que defini-lo através desse caráter, se ele representa o primeiro passo de um processo de "autonomização"?

Para compreendermos esta problemática é importante destacar que o desejo substituto não se reduz à sua forma alucinatória. Através da alucinação o ser humano ingressa no mundo do(s) desejo(s) substituto(s), porque ela é a primeira de uma longa série de desejos que irão se substituindo no decorrer da vida do sujeito. Uma longa série de desejos que, embora possa ser satisfeita através de objetos concretos da realidade -uma viagem, um trabalho, um filho, enfim, qualquer objeto do mundo real que se tenha desejado- sempre revela a impossibilidade da plena satisfação do desejo, isto é, a realização do desejo absoluto. "Aproximamo-nos do objetivo, praticamos um ato na vida, e um outro caminho torna-se a abrir", diz Nasio para insistir naquele resto de desejo que nunca pode ser satisfeito (idem:38). Resto de desejo que é, ao mesmo tempo, motor de nosso psiquismo porque se fosse satisfeito não poderíamos continuar nos estruturando e nos descobrindo através dos diferentes objetos da realidade que desejamos obter. De objeto em objeto, o desejo substituto poderá ser satisfeito, mas sempre representará a impossibilidade de alcançarmos

a felicidade absoluta. Para a psicanálise, a felicidade só pode ser uma felicidade modesta, porque qualquer felicidade que ultrapasse esse limite pode colocar em risco a própria vida do sujeito (idem:34). Vejamos, com o propósito de esclarecer esta idéia, como responde o autor à pergunta que lhe é colocada sobre a visão pouco otimista da psicanálise quando insiste na impossibilidade de satisfazer plenamente o desejo:

"Compreendo sua reserva. Vou responder-lhe dizendo que, onde o desejo não alcança seu objetivo, isto é, onde o desejo fracassa, surge uma criação positiva, coloca-se um ato criador. Dito isto, você me pergunta: por que o desejo tem, necessariamente, que fracassar? O desejo nunca será satisfeito pela simples razão que falamos. E, enquanto falarmos, enquanto estivermos imersos no mundo simbólico, enquanto pertencermos a esse universo em que tudo assume mil e um sentidos, jamais chegaremos a plena satisfação do desejo..."

(Nasio, 1993:38).

2) Esta hipótese introduz o segundo elemento que queremos analisar, ou seja, a possibilidade de compreender a insatisfação do desejo através do conceito de demanda. Como distinguir esses dois tipos de insatisfação através dos quais Nasio explica o caráter intolerável do desejo: a insatisfação do desejo e a insatisfação da demanda? Para responder esta pergunta, ele diz que "o desejo visa ao incesto impossível e encontra o seio erótico", isto é, que ele é sempre insatisfeito porque nunca consegue atingir a meta impossível a

que visa, o incesto. No entanto, embora o desejo nunca alcance o incesto, ele encontra vários substitutos -como o seio alucinado-, através dos quais pode se realizar parcialmente (idem:110).

O conceito de demanda se opõe ao conceito de necessidade na medida em que o ser humano, diferentemente do animal, depende de um outro ser humano desde a sua entrada no mundo. Um outro que, por causa do estado de desamparo e prematuração biológica, é percebido como onipotente e único, dado que o bebê não é capaz de realizar a ação específica que elimina o estado de desamparo e necessidade. Mais do que o objeto demandado -o seio nutridor, ou qualquer outro objeto que surja posteriormente- o que interessa ao sujeito é o amor do Outro. O que não significa que a demanda não tenha objeto, mas que por trás desse objeto se esconde um pedido de amor que jamais consegue ser satisfeito plenamente. Para Nasio a demanda se distingue do desejo na medida em que este é causado por um objeto específico que pode ser alucinado.

Porque somos seres habitados e atravessados pela linguagem, basta que no caminho de nosso desejo formulemos uma palavra, por mais criativa e autêntica que seja, "e o caminho para essa satisfação torna-se a abrir" (Nasio, 1993:38). Lacan introduz o conceito de demanda a partir de Freud e considera o "grito de apelo" ao qual Freud se refere quando descreve as primeiras experiências de satisfação, como a primeira forma que assume a demanda. A demanda, como toda fala, "nunca chega a designar exatamente o objeto querido" (Nasio, 1993:104). Em que sentido pode ser compreendida esta formulação? No caso do grito de apelo, se pensarmos em termos da primeira demanda, isso significa que quando a criança grita por causa

da fome, a mãe pode achar que ela está com frio, por exemplo, e responder de um modo não adequado a sua demanda. Em outros termos, por causa da inadequação fundamental que existe entre coisa e linguagem, "entre aquilo que quero e a fala que enuncio para obtê-lo", a demanda permanece insatisfeita porque não consegue nomear devidamente o objeto do desejo (Idem:104).

Para compreendermos o caráter insatisfeito da demanda, é importante continuar esta idéia e dizer que, mesmo no caso de coincidência -isto é, quando a criança é alimentada a partir da fome e não do frio- existirá sempre um mal-entendido. Se o mal-entendido persiste apesar da interpretação adequada da demanda, é porque ela sempre visa algo mais que não pode ser significado, uma ilusão de plenitude impossível de ser reencontrada que confronta, a partir desse momento, com a ordem da perda e da insatisfação como elementos constitutivos do ser humano. Essa ilusão de plenitude representada pela imagem da experiência originária de satisfação que sempre se procura reencontrar, é uma imagem mítica. A busca permanente da harmonia perfeita -o paraíso perdido ou a terra prometida- embora sempre procurada é, no fundo, uma miragem que insiste, que se repete, mas que nunca se realiza, pois isso levaria à morte, à abolição total do mundo da demanda e do desejo. Poder renunciar a essa miragem, sermos capazes de nos contentar com uma demanda não identificada à demanda de amor absoluto, é nosso destino enquanto humanos. Se ele for aceito e conquistado, o lado "intolerável" do desejo que nunca deixa de desejar e sabe se contentar ou se alegrar com objetos parciais da realidade, poderá ceder lugar a um certo prazer. Ao prazer decorrente da fluidez de um desejo que pode ir além do

sintoma, ao prazer decorrente de sentir que às vezes podemos realizar o que queremos embora saibamos que, depois, um outro caminho torna-se a abrir.

1.2.2- Sobre O Caráter Protetor Do Desejo

Manter vivo o desejo é manter vivo o desejo que protege do incesto. Esta hipótese insiste na idéia de que todo desejo, enquanto substituto, sempre protege do desejo considerado em termos absolutos.

"Eu gostaria de ser muito claro: que é que a criança deseja em termos absolutos, por princípio, a parte qualquer idade e qualquer circunstância concreta? O incesto. Isso é impossível e permanece como uma expectativa sempre insatisfeita. Mas, nesse caso, com que se contenta ela? com a satisfação parcial de alucinar um seio(...)"

(Nasio, 1993:111).

O lado protetor do desejo se compreende melhor que seu lado intolerável porque se aceita mais facilmente a idéia de que o ingresso no mundo do desejo protege do vazio representado pela imagem mítica do incesto. Acompanhando Nasio podemos compreender, por exemplo, que a alucinação do seio -que corresponde à posse psíquica

de uma parte do corpo da mãe-, proteja a criança do desejo de voltar ao estado de indiferenciação inicial em que nada se deseja, equivalente, na sua opinião, ao desejo de possuir o corpo inteiro da mãe:

"(diante da impossibilidade do incesto) com que se contenta ela? Com a satisfação parcial de alucinar um seio que não é o seio nutridor (...). A criança jamais possuirá o corpo inteiro da mãe mas apenas uma parte. E essa parte ela a possuirá, por assim dizer, em sua cabeça, na alucinação"

(Nasio, 1993:111).

Esta hipótese sobre o caráter protetor do desejo introduz outras questões importantes que revelam seu caráter polêmico e conflitivo. Quando a forma alucinatória é abandonada, o desejo começa a se apresentar através de outros objetos que, mesmo sendo satisfeitos ao nível da realidade, sempre reenviam à insatisfação permanente do desejo considerado em termos absolutos. Ao começar esse movimento de substituição, podem surgir problemas que são, na opinião de Nasio, decorrentes de uma interpretação errônea de algumas idéias formuladas por Lacan que se referem ao desejo e não ao gozo. É fundamental, aqui, insistirmos mais uma vez nesta diferença e dizer que, daqui em diante, utilizaremos o termo 'desejo' para nos referir a desejo substituto e 'gozo' para nos referir a desejo absoluto. A máxima "não ceder em seu desejo", por exemplo, muitas vezes é mal interpretada, como se fosse uma ordem, uma "proclamação corajosa"

para incentivar o desejo e obter o gozo, sendo que, ao contrário, o que ela se propõe é destacar o caráter sempre protetor de um desejo que, mesmo podendo ser satisfeito, reenvia à impossibilidade de alcançar o gozo pela via do desejo. Longe de ser uma espécie de ordem para enaltecer o desejo no caminho do gozo, esta máxima lacaniana é:

" um lembrete prudente de que não se abandone o desejo, única defesa contra o gozo (...). Para não alcançar o gozo do Outro, apesar de sonhado, o melhor é não pararmos de desejar e nos contentarmos com substitutos e telas, sintomas e fantasias"

(Nasio, 1993:35).

E se esse substituto que surge para nos proteger da indiferenciação e da morte fosse um desejo que não gratifica nem suscita prazer -mesmo que este seja momentâneo e reenvie à insatisfação constitutiva do desejo-, poderíamos, nesse caso, continuar insistindo em seu caráter protetor, ligado à vida? Porque sem dúvida que o desejo alucinatório, pensado aqui como marca da primeira diferenciação possível do corpo materno, -como outros, frutos das inúmeras substituições a que estamos destinados-, podem ser considerados protetores. Mas há desejos que tornam esta questão mais problemática na medida em que, se por um lado podem salvar da morte representada por esse estado de indiferenciação onde não há mais desejo nem conflito, por outro lado podem colocar em risco a própria vida do sujeito. É que o desejo -que pode se expressar

através da palavra, mas também de gestos ou ações, de um modo particular de estar no mundo- não pode ser identificado apenas com gratificação ou prazer, com a alegria de sentir que é possível realizar o que se quer. Às vezes ele só pode ser identificado com dor, solidão e descontentamento. Aqui não estamos nos referindo ao descontentamento inevitável, fruto da impossibilidade de satisfação absoluta, mas aqueles casos em que o sujeito se instala no descontentamento e só consegue sobreviver na solidão, tendo como única companhia seu sintoma. Será que essa sobrevivência, esse desejo de não desejar, essa recusa a entrar no mundo da pequena demanda, pode evocar o lado protetor do desejo? Pensamos que sim, que o desejo de nada desejar e de insistir numa demanda de amor absoluto e inalcançável revela o caráter complexo e conflitivo do desejo. De um desejo que, embora proteja de uma dor mais insuportável -a dor do nada, do vazio total, da morte representada pela imagem mítica do incesto-, cristaliza o sujeito em uma outra imagem, a de um ser que só consegue sobreviver em um mundo quase anônimo, defensivo, incapaz de suscitar o encontro com o outro e de sustentar o descontentamento inevitável. O desejo absoluto aqui não é realizado, não alcança a satisfação absoluta. O único modo dele se proteger é através do sintoma, de um sintoma que isola e provoca sofrimento, mas evita a entrega total. Por isso, o fluxo constante do desejo que o analista tem que promover reenvia à idéia de saber sentir o prazer dos ganhos parciais, mas também à possibilidade de que o sujeito possa renunciar a esse sintoma, sair desse lugar cristalizado onde só há dor -uma dor às vezes anestesiada- e se abrir ao movimento da vida, ou seja, se abrir a uma relação onde a troca com o outro é possível, onde o

desejo pode fluir e se conformar com objetos substitutos, sempre contingentes e inadequados, capazes de integrar a falta, de conviver com a "incompletude" e impossibilidade de satisfação total. Sair do mundo do absoluto, do desejo de nada desejar, e ingressar no mundo do possível. Do desejo, com toda sua incerteza e humanidade.

A idéia de pensar o desejo como movimento que protege da morte mas não pode ser sempre identificado com prazer ou gratificação, se inspira num dos filmes de Kieslovsky: "A Liberdade é azul". Julia, a protagonista, quer se matar através do gesto de colocar pilulas na boca. Quer se matar mas não pode. Esse gesto revela um desejo de morte, de alcançar esse estado de indiferenciação onde não há mais conflito. Mas o desejo não pode ser confundido com sua realização. O desejo absoluto não pode ser satisfeito. Julia machuca sua mão, se despoja de tudo que possa lembrar seu passado, se isola no anonimato. "Antes era feliz, eu os amava e eles me amavam. Agora entendi que só farei uma coisa: nada. Não quero bens, recordações, amor ou vínculos", diz Julia à sua mãe, em um dos poucos momentos em que consegue expressar o que sente. O que será que esses atos -vender a casa onde morava, se afastar das pessoas queridas e alugar um apartamento longe de tudo que possa lembrar-lhe o passado- através dos quais o desejo se manifesta, evocam? Eles são a única possibilidade de se manter viva, de não se entregar à morte. Não desejar. Nada demandar. Capturada por uma demanda de amor absoluto e impossível, Julia se recusa a entrar no mundo da pequena demanda, que abre as portas ao desejo. O outro da demanda, o único que poderia quebrar o isolamento de um lugar que persiste em manter a ilusão do paraíso perdido, não existe. A demanda como corte, capaz de impedir o

encontro com o Outro absoluto, não existe. Ela só aparece mais tarde, na cena da piscina, quando decide, pela primeira vez, 'pedir' ajuda à sua amiga. É o primeiro passo para ter acesso ao mundo do desejo, pois a origem do desejo depende da possibilidade de demandar. Um desejo não mais identificado com o desejo de não desejar, que reintegra Julia no movimento da vida. A fluidez de um desejo que se conforma com substitutos -criar uma nova música com um novo companheiro- reflete a possibilidade de renunciar a uma demanda e a um desejo mortíferos, porque embora possam funcionar em um primeiro momento como defesa ou proteção, eles bloqueiam qualquer possibilidade de transformação.

Este filme de Kieslovsky começa com uma tragédia -a morte do marido e da filha da protagonista num acidente de carro- que permite compreender o desejo de morte, mais tarde transformado em desejo de nada desejar. Querendo encontrar refúgio em uma vida sem passado, Julia se despoja de tudo menos de duas coisas: o lustre azul da filha, e o papel com a música que o marido estava compondo. Através desses dois objetos ela mantém a negação da perda, a ilusão da totalidade. Ou talvez, também uma outra ilusão, a ilusão de poder continuar viva, porque é impossível viver sem um mínimo de prazer e ilusão. Há uma gota de prazer no primeiro sorriso que lhe escapa quando o advogado pergunta a razão pela qual quer vender tudo e ela, -olhando a pedra azul que aperta em sua mão- responde secamente: "não". Não pode perguntar. Não pode saber. A pedra azul é uma das pedras do lustre da filha. Este é o primeiro sorriso de Julia, um sorriso que só pode brotar de um "não" e do segredo -proteção e promessa- que esconde em sua mão. O prazer, nem que seja esse

graozinho que nesta cena se adivinha, possibilita uma saída. Do fundo da melancolia acena a possibilidade de algo diferente, uma busca dissimulada cujo disfarce é a ausência de desejo. Todo o filme é uma luta para se reintegrar no movimento da vida, para poder sair, sem riscos de morte, do refúgio obsessivo do anonimato. A insatisfação e o desencontro inevitáveis podem se transformar em algo criativo em uma vida que dê direito ao prazer, a um prazer parcial, que reconhece os limites da lei. A realidade depende de nosso olhar, mas há realidades tão cruéis que não podem senão ser insuportáveis para qualquer olhar. O tempo que passa ajuda a cicatrizar as feridas possibilitando, assim, a emergência de um prazer não mais identificado ao prazer do sintoma.

Finalizamos estas reflexões sobre o caráter protetor de todo desejo substituto com uma idéia que Maria Rita Kehl formula em seu artigo intitulado "O desejo da realidade", pois consideramos que ela pensa estas questões de um modo esclarecedor.

" É a realidade com seus pobres objetos parciais que vai oferecer ao sujeito possibilidades de prazer substitutivas do prazer alucinatório e impedir que o campo do desejo seja inundado pela Pulsão de Morte e seus 'equivalentes em vida' - incesto, indiferenciação. Assim como a luz do dia vem nos apaziguar depois de uma noite de insônia em que ficamos entregues às nossas piores fantasias - e qualquer copo de água, qualquer escova de dentes parece ter a capacidade de recriar um terreno protegido contra a morte que havia dentro de nós- a realidade tem um poder de salvar o ego da Pulsão de Morte.

(Kehl, 1990:371/372).

A realidade é construída por nós. Dizer que através dos objetos da realidade podemos satisfazer parcialmente o desejo e sentir prazer, um prazer sempre parcial, não significa que o desejo provoque sempre prazer. Por vezes o objeto mais desejado "é fonte da maior angústia justamente por seu enlace com o aspecto recalcado do desejo", diz Kehl, para insistir no caráter complexo do desejo, fruto da imbricação consciente/inconsciente (idem:370). Qual é a relação entre desejo consciente e inconsciente? O prazer substitutivo do prazer alucinatório, é um prazer consciente ou inconsciente?. Estas questões serão retomadas no capítulo três, quando, ao refletirmos sobre a brincadeira do Fort/Da, introduzimos o conceito de inconsciente como instaurador da divisão psíquica do sujeito. Em seguida, retomamos nosso estudo sobre o desejo, pensado a partir da experiência originária de satisfação.

1.3 - Desejo e Experiência de Satisfação

Voltando à nossa questão inicial cujo objetivo é analisar a problemática do desejo a partir da experiência de satisfação, é necessário distinguir, com Lacan, o desejo da necessidade e da demanda. Na abordagem desta temática continuamos com Nasio, mas introduzimos Dor e Safouan porque pensamos que suas interpretações contribuem para o esclarecimento das questões aqui levantadas. Esta

diferenciação já foi mencionada quando nos referimos ao caráter intolerável do desejo, mas aqui levantamos outras questões que antes não foram analisadas.

1.3.1 - Desejo e Necessidade

Na perspectiva indicada por Lacan a satisfação originária é uma satisfação simbólica, não completa, instauradora da perda e do desejo de completá-la. Esta satisfação é, também, uma experiência que ultrapassa o registro da necessidade.

Dizer que a satisfação originária instaura a perda e vai além do registro da necessidade, não significa negar a importância deste registro, indispensável para que o desejo possa emergir. Se não houvesse a tensão da necessidade e a demora do objeto satisfatório -o seio materno-, não haveria desejo. Como diz Safouan, se o bebê não tivesse fome e não dependesse de um outro para se satisfazer, não haveria desejo:

"Ora, basta olhar tal ser no momento do nascimento, para se convencer de que o primeiro não é o repouso, mas sim o sofrimento, ou no mínimo a necessidade: o recém-nacido tem fome antes de conhecer o seio materno (...). Em contrapartida, a mola do reencontro ou da

alucinação pode ser disparada (...) em seguida a uma experiência de objeto que satisfaz"

(Safouan, 1988:23/24).

A necessidade do outro para sobreviver -que caracteriza a entrada do homem no mundo e se mantem, sob outras formas, no decorrer de toda a vida do sujeito-, é uma idéia na qual Freud insiste desde o início de sua obra. No Projeto ele diz -ao pensar esta idéia a partir da experiência de satisfação- que por causa do estado de desamparo e prematuração biológica, o bebê não poderia sobreviver sem o auxílio do outro, pois ele não está dotado de nenhum meio para realizar a "ação específica" capaz de eliminar o estado de tensão ou necessidade provocado pela fome (Freud, 1973 (I):229). Lacan retoma esta idéia freudiana, mas introduz uma nova questão: é porque a experiência de satisfação se dá no interior de uma relação com o outro, com um outro que fala, que ela adquire um valor simbólico. Nesse sentido pode-se dizer que sua intervenção é fundamental na experiência de satisfação, não apenas porque a presença do objeto -seio ou alimento- que ele traz consigo elimina o estado de necessidade, mas também porque, ao imprimir a essa experiência um caráter simbólico, possibilita atravessar o registro da necessidade. O limite que conhece a experiência originária de satisfação é justamente o que chama o desejo como impulso para sempre marcado pelo impossível, pela ânsia de reencontrar a "completude" perfeita.

Nos Três Ensaios, ao se referir ao objeto da lactância, Freud diz que a mãe atende o filho com sentimentos e gestos de carinho procedentes de sua própria vida sexual (Freud, 1973 (II):1225).

Pensamos que os autores a partir dos quais trabalhamos a hipótese de que a experiência de satisfação vai além do registro da necessidade, retomam esta idéia freudiana destacando sua articulação com o conceito de desejo. Nasio e Dor, por exemplo, consideram que a satisfação originária é uma experiência que, sendo suportada pelo amor e pelo desejo da mãe, produz a emergência do desejo como impulso que ultrapassa o registro da necessidade alimentar.

Nasio se refere a esta questão ao afirmar que a mãe, ou seja, o outro que possibilita a satisfação, é um ser marcado pelo desejo. Em que consiste o desejo materno? Em algo que vai além do desejo de satisfazer a necessidade alimentar, pois dificilmente uma mãe dá "o seio, sem vivenciar esse gesto como marcado por um certo erotismo", ou seja, "como algo diferente de um gesto puramente nutricional" (Nasio, 1993:104). É justamente por isso, porque ultrapassa o registro da necessidade, que o desejo materno possibilita a entrada do filho no mundo do desejo. Esta hipótese, além de marcar a diferença entre desejo e necessidade, aponta para uma outra questão. Com efeito, ao dizer que "o desejo materno é um desejo que está nas raias do desejo erótico", Nasio não fala só do filho, mas de mãe e filho (idem:104). O seio alucinado, "muito diferente do seio corporal e mais ainda do leite primitivo, é o fruto do elo desejante mãe-filho", diz o autor, salientando, mais uma vez, a importância desse vínculo primitivo e produtor do desejo (idem:110). No entanto, apesar de que esse elo desejante se alimente reciprocamente, o primeiro motor é o desejo da mãe porque é só a partir dele -na medida em que ele está marcado pelo simbólico e não

se limita a satisfazer a necessidade alimentar-, que a criança se inscreve no registro do desejo.

Também para Dor a satisfação inicial não pode ser limitada ao registro da necessidade porque, no momento em que vivencia esta experiência, a criança 'goza' além da satisfação da necessidade. Ele se refere a este suplemento, causa do desejo, de um modo singular:

"Ao relaxamento orgânico do corpo da criança a mãe responde através de gestos, através de palavras que serão, para a criança, fonte de um relaxamento prolongado. Esta resposta é, na verdade, o que vai fazer a criança gozar além da satisfação de sua necessidade"

(Dor, 1985:187).

Acompanhando o pensamento de Dor podemos dizer que a mãe, por ser um ser marcado pelo desejo, interpreta o relaxamento e a tranquilidade do corpo do filho quando acaba de mamar, de um modo particular, isto é, como uma mensagem de reconhecimento (idem:187). Ao interpretar desse modo a pulsionalidade do filho, ela o introduz no universo do desejo, pois sentindo-se reconhecida por ele, deseja prolongar esse estado de placidez com gestos e palavras cujo resultado é fazer gozar a criança. E é justamente por isso, porque goza e recebe algo além da necessidade, que a criança começa a desejar. Esta primeira experiência de satisfação engloba, portanto, não só o aspecto ligado à necessidade, mas também o gozo possibilitado pelo amor da mãe, sendo que este "gozo" ao qual se

refere Dor, deve ser entendido em termos de prazer e não em termos do gozo identificado com a ausência total de tensão, com o desejo ou gozo absoluto ao qual nos referimos anteriormente. O conceito de gozo -que para Lacan não se reduz ao gozo absoluto- não é trabalhado detalhadamente em nosso estudo da problemática do desejo pois nosso propósito é incorporar este conceito como objeto de nossa reflexão apenas na medida em que ele seja identificado com o desejo absoluto de incesto e diferenciado, portanto, do(s) desejo(s) substituto(s) através dos quais o sujeito dele se protege.

Por último, nos referiremos a uma idéia enfatizada por Safouan, que completa o sentido que queremos dar à experiência de satisfação. Na sua concepção, só quando houver um seio que não acalme permanentemente, este seio poderá ser alucinado. Caso contrário, o bebê se verá frustrado "do seio em que ele pode, de certo modo, descansar", isto é:

"(...) do seio no qual presença e ausência são finalmente vizinhas e se interpenetram (...) aquele que, chamado com fervor, é alucinado por um aparelho psíquico vítima, daí por diante, de um desejo eternizado cuja causa está perdida (...)"

(Safouan, 1970:44/45).

Nasio e Dor destacam a importância do desejo materno -na medida em que não se reduz ao registro alimentar- para o ingresso da criança no mundo do desejo. Safouan, sem falar explicitamente em

termos de desejo materno, insiste no caráter prejudicial do excesso de presença materna, na medida em que ele obstaculiza qualquer possibilidade de acesso ao universo do desejo. Pensamos, no entanto, que este excesso pode ser identificado não só com excesso de alimento, mas também com excesso de desejo. Em outras palavras, privilegiar a necessidade de um seio que não acalme permanentemente não exclui a dimensão do desejo destacada por Nasio e Dor.

Através do pensamento dos autores mencionados, podemos concluir dizendo que a satisfação inicial é uma experiência que satisfaz o estado de necessidade, mas vai além desse registro; e por causa do desamparo radical que caracteriza o ser humano, a realização desta experiência depende da presença de um outro. Presença que, como postula Safouan, deve ser ao mesmo tempo ausência, pois é através da idéia de perda, de um limite a não ser ultrapassado, que o outro imprime a marca do simbólico. Só uma experiência de satisfação considerada nesses termos permite a inscrição da criança no mundo do desejo.

1.3.2- Sobre o Conceito de Demanda

O conceito de demanda é introduzido por Lacan. Aqui é analisado a partir da primeira forma que ela assume, ou seja a partir do grito de apelo da criança, ao qual Freud se refere no Projeto como o primeiro signo de comunicação com o outro (Freud, 1973 (I):229). Este

conceito já foi mencionado quando nos referimos ao caráter intolerável do desejo mas aqui nos referiremos a outros pontos que antes não foram desenvolvidos.

1) Em relação à origem da demanda, podemos dizer, com Dor, que no momento em que a criança vivencia essa satisfação primeira não é possível falarmos em termos de demanda porque não existe, ainda, intencionalidade por parte do bebê. Com efeito, se nesse momento suas manifestações corporais adquirem valor de "signos" para o outro, é só na medida em que este outro os interpreta como tais e não porque o bebê tenha a intenção de comunicar algo. É nesse sentido que ele se refere à satisfação originária como uma experiência na qual a criança se satisfaz e sente prazer, sem ter experimentado a necessidade de demandar:

"(...) essas manifestações corporais (do bebê) só tem um sentido na medida em que este lhes é atribuído pelo outro. Conseqüentemente não se pode dizer que a criança, quanto a ela, utilize essas manifestações corporais para 'significar' algo. No nível dessa primeira experiência de satisfação não há, da parte da criança, nenhuma intencionalidade no sentido de mobilizar o estado de seu corpo em manifestações que teriam o valor de uma mensagem destinada ao outro".

(Dor, 1985:186).

Com efeito, é só depois de ter vivenciado a primeira satisfação que o bebê se instala na ordem da demanda e através dela (grito, choro) procura reencontrá-la sem jamais conseguir.

2) Ao se referir ao conceito de demanda, Nasio destaca um outro aspecto. Nesse sentido ele diz que a demanda é dupla em dois sentidos, isto é, não só porque a demanda do sujeito implica a demanda do outro mas também porque ela não se reduz à satisfação da necessidade.

"Não existe demanda do sujeito que não implique a demanda inversa proveniente do Outro" (Nasio, 1993:113), diz Nasio, apontando, desse modo, para o primeiro desse sentidos. Em termos da primeira demanda, isso significa que o bebê "só pode pedir o seio se sua mãe o reconhecer, em contrapartida, como sendo seu filho" (idem:112). Existe, portanto, a demanda ao outro -demanda do filho para a mãe-, e a demanda do outro -demanda da mãe para o filho-, sendo que elas se formulariam reciprocamente como: "estou com fome" e "deixe-se alimentar" (idem:113). Embora ambas sejam formuladas no registro da necessidade porque as duas apontam para o alimento real que se dá ou se recebe, é importante destacar que suas significações ultrapassam esse registro, incorporando uma outra dimensão, a do amor e do reconhecimento do outro. Na demanda o essencial não é o objeto pois ela é, prioritariamente, demanda de amor:

"Essas duas demandas, uma a de comer, outra a demanda de receber, são apenas, propriamente falando, apelos recíprocos de reconhecer e ser reconhecido. A conjunção dessas duas demandas assume a forma de amor recíproco mãe-filho".

(Nasio, 1993:115).

A partir desta hipótese podemos compreender porque afirmamos que a demanda é dupla em dois sentidos. Por um lado, como acabamos de dizer, porque a demanda da criança implica a demanda do Outro. Por outro lado, como decorre da formulação acima referida, porque ela não visa somente a satisfação da necessidade, mas vai além desse registro. Ao não se limitar à necessidade, a demanda é, antes de tudo, demanda de amor. Pensando esta hipótese a partir do filho, pode-se dizer que o que ele pede através do grito e do choro, não é só que sua necessidade seja satisfeita, mas também que a mãe o reconheça como seu objeto de amor. Em realidade, o que ele demanda nesse momento inicial em que a demanda surge como grito, é ser o único objeto de desejo do Outro que satisfaz a necessidade. A demanda é sempre demanda de amor, só que neste primeiro tempo -que inclui também a criança do espelho- ela se identifica com o objeto do desejo do Outro, com o desejo de ser o único objeto de desejo do Outro.

3- O conceito de "demanda entendida como corte" também é fundamental para compreendermos o significado e alcance da demanda. Ao invés de enfatizar os aspectos ligados às possibilidades de encontro e comunicação com o outro, de reconhecimento e de amor recíprocos que acabamos de mencionar, a demanda como corte destaca outros aspectos igualmente estruturantes para o psiquismo. Nesse sentido, pode-se dizer que este conceito, além de possibilitar a compreensão do processo de "autonomização" e afirmação da criança que ingressa no mundo do desejo, permite articular a idéia de

insatisfação da demanda com a de objeto perdido e de desejo como desejo de um objeto impossível.

A primeira destas questões é enfatizada por Nasio, autor que defende uma posição singular em relação aos conceitos de demanda e desejo. Dizer que através da demanda a criança inicia um processo de separação, a primeira diferenciação do corpo materno, significa que a origem do desejo depende da possibilidade de demandar. Uma criança que grita ou chora é uma criança que não está saciada e que pode, portanto, desejar através da identificação alucinatória com o seio materno. A demanda entendida como corte tem, como toda fala, o poder de separar o objeto do corpo. Pensada através da primeira forma que ela assume, como grito que pede a mamada, ela é corte na medida em que através do grito o seio se separa não só do corpo da mãe, mas também da boca do bebê.

"Que fala pode separar um seio do corpo, por exemplo (...) A primeira fala, a fala mais primitiva que, ao mesmo tempo separa o seio do corpo da mãe e esse mesmo seio da boca do bebê é, fundamentalmente, o grito"

(Nasio, 1993:103).

Ao se separar do corpo da mãe e da boca do bebê pela ação do grito o seio nutridor transforma-se, na perspectiva indicada por Nasio, em seio alucinado ou seio do desejo, em um seio psíquico que passa a pertencer à criança. Dizer que o grito é corte significa que a partir dessa primeira fala o objeto seio "se desprende, a criança

alucina o seio e, ao alucinar, identifica-se com ele" (Nasio, 1993:113). Através da demanda o seio passa a pertencer ao filho abrindo, desse modo, um processo de "autonomização" que começa com esta identificação ao objeto. Esta leitura de Nasio é interessante na medida em que ele considera que o desejo alucinatório protege do gozo absoluto do incesto, ao mesmo tempo que possibilita uma separação -o primeiro passo no sentido de uma diferenciação do corpo materno. No entanto, podemos aqui nos perguntar se é possível a partir desta interpretação, pensar o objeto de desejo como um objeto sempre inadequado que, ao não se identificar com o objeto de pulsão, permanece para sempre perdido.

O conceito de demanda entendida como corte também pode ser pensado, como já foi dito, através da articulação da idéia de insatisfação da demanda com a de objeto perdido e de desejo como desejo de um objeto impossível. A demanda permite sair do registro da necessidade, mas nunca consegue nomear adequadamente o objeto do desejo. Nesse sentido pode-se dizer que ela produz o conceito de perda, de objeto para sempre perdido.

A primeira fala, a fala mais primitiva é o grito. Ele tem valor de demanda porque depois de ter vivenciado a primeira satisfação, é através dele que o desejo pode ser escutado. No entanto, apesar de que a demanda abre as portas ao desejo, sabemos que seu destino é permanecer sempre insatisfeita. A demanda confronta inevitavelmente o sujeito à ordem da perda, porque a partir do momento em que se precisa sua mediação, se introduz uma inadequação entre coisa e linguagem. É através desta idéia de inadequação fundamental que Dor se refere à demanda como corte que impede o

reencontro com o Outro. Por causa desse impossível reencontro, o Outro transforma-se na Coisa, o objeto perdido cujo desejo a criança deseja mas que a demanda jamais consegue significar de modo adequado:

"É esta inadequação, aliás, que dá a dimensão do reencontro impossível do gozo primeiro com o Outro. Este Outro que fez a criança gozar, na medida em que ele é procurado e seu encontro é esperado, permanece inacessível e perdido como tal em razão do corte introduzido pela demanda. Ele torna-se a Coisa -das Ding- cujo desejo a criança deseja, mas que nenhuma das demandas onde é apoiado seu desejo, poderá significar adequadamente".

(Dor, 1985:188/189).

É através de uma leitura lacaniana do complexo do próximo introduzido por Freud no Projeto, que abordamos a problemática sobre o caráter inacessível e inomeável da Coisa. Quem é o próximo ou semelhante?. O próximo é outro ser humano (nebenmensch), não só o primeiro objeto de satisfação e hostilidade, mas também o único poder de auxílio (Freud, 1973 (I):p.239). Refletindo sobre este conceito a partir da primeira experiência de satisfação Lacan diz no seminário VII sobre A Ética que ele é a mãe "na medida em que ela ocupa o lugar dessa coisa" (Lacan, 1991:86). Com efeito, ela se apresenta como o único auxílio para o recém-nascido, porque é através dela que ele pode sobreviver, vivenciar a primeira satisfação e ingressar, assim, na ordem da demanda e do desejo. Na perspectiva indicada por Lacan é

importante destacar que a mãe não é só o único poder de auxílio para o bebê, mas também um ser que fala, isto é, um ser marcado pela falta que imprime à satisfação originária seu caráter simbólico.

O destino da demanda é permanecer sempre insatisfeita, porque esse processo de insatisfação introduz o objeto do desejo no campo da significação que sempre será relançada pela via da metonímia. A demanda produz um substituto na metáfora ("eu desejo tal objeto", seja ele qual for), reencontra esse objeto via metáfora (consigo "ter" o objeto demandado), mas depois (quando digo "não é isso", "é outra coisa") a demanda relança a busca do objeto via metonímia através das diferentes e múltiplas substituições a que estamos destinados.

Através do grito, embora ele seja escutado pela mãe, o bebê não reencontra a ilusão de plenitude. Ao analisar o Projeto com o objetivo de explicar o elo existente entre "a expressão verbal" -o grito- e o "complexo do próximo" -nebenmensch-, Safouan diz que "a função secundária de compreensão" do grito a qual Freud se refere no Projeto é limitada porque existe, no próximo, uma parte que permanece sempre opaca, incompreendida.

"Freud (...) estabelece um limite para esta compreensão: a pessoa auxiliadora se divide irremediavelmente em duas partes, uma das quais se entrega à compreensão do sujeito, enquanto a outra permanece opaca".
(Safouan, 1970:37).

Ainda no Seminário VII, Lacan se refere a esta parte opaca do próximo correspondente ao conceito de Coisa introduzido por Freud no Projeto, como "a primeira apreensão da realidade pelo sujeito" e, nesse sentido, como um encaminhamento ao mundo dos desejos (Lacan, 1991:68):

"O Ding como Fremde, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, é em torno do qual se orienta todo o encaminhamento do sujeito. É sem dúvida alguma um encaminhamento de controle, de referência, em relação a que? -ao mundo dos desejos".

(Lacan: 1991:69).

O conceito de Coisa começa, aqui, a ser articulado com o de desejo e de objeto perdido, ou seja, do desejo como desejo de um objeto impossível. Nesse sentido Lacan diz que se o Ding se constitui como referência em relação ao mundo dos desejos, é porque ele "faz a prova de que alguma coisa" que estamos sempre esperando "afinal, encontra-se justamente aí" (idem:69). Mas falarmos do objeto de desejo como objeto impossível significa que o que se trata de encontrar não pode ser encontrado:

"É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando".
(Lacan, 1991:69).

O objeto que se trata de encontrar é o Outro do desejo absoluto de "completude" e perfeição, representado, para a Psicanálise, pelo mito do incesto. Dizer que o objeto do desejo é impossível significa que a interdição do incesto é a lei primordial, pois satisfazer o desejo pela mãe significa abolir o mundo inteiro da demanda e do desejo, alcançar um estado fictício de felicidade absoluta em que nada mais se deseje. Em outras palavras, "não há Bem Supremo -que o Bem Supremo, que é das Ding, que é a mãe, o objeto de incesto, é um bem proibido e que não há outro bem" (idem:p.90).

Esta é uma idéia freudiana, diz Lacan, (idem:86 e 90), como também é freudiana a idéia de que para ingressar no mundo da percepção, para que este mundo se ordene e se constitua de maneira humana, deve-se passar pela alucinação. Terminamos o primeiro capítulo com este comentário sobre a alucinação, porque através dele é possível colocar esta primeira forma que assume o desejo no justo lugar, ou seja, como algo fundamental porque é o primeiro signo de uma separação possível, mas também como algo que deve ser ultrapassado porque a alucinação reencontra, no sentido de presentificar, algo que não pode ser reencontrado. Mesmo que esse algo seja, na interpretação de J.D.Nasio, o objeto seio e não o corpo inteiro da mãe.

"No final das contas, sem algo que o alucine enquanto sistema de referência, nenhum mundo de percepção chega a ordenar-se de maneira válida, a constituir-se de maneira humana. O mundo da percepção nos é dado por Freud como que dependendo dessa alucinação fundamental sem a qual não haveria nenhuma atenção possível".

(Lacan, 1991:69).

II - DESEJO E ESTÁGIO DO ESPELHO

2.1 - Introdução

O desejo em sua forma mais radical é desejo de vida, impulso vital, desejo de viver, diz Lacan no seminário sobre o desejo e sua interpretação (Lacan, seminário inédito, 1958/59). Compreender esta idéia, que não exclui o caráter conflitivo e problemático do desejo, constitui o objetivo principal de nossa reflexão. No capítulo anterior vimos como o desejo em sua forma primeira -a alucinação do seio materno- pode ser considerado como uma proteção, uma defesa contra a morte representada pelo mito do gozo incestuoso.

O desejo de completar a mãe, de se identificar com seu único objeto de desejo, também é considerado sob este ângulo. Com efeito, se pensarmos o estágio do espelho como uma experiência que inclui não só o imaginário mas também o simbólico -ou melhor, que o imaginário só pode surgir do simbólico-, podemos dizer que o desejo, tal como se constitui nesta etapa, é um impulso estruturante na medida em que possibilita o desenvolvimento da criança através de sua inserção no universo do desejo.

Em relação à etapa do espelho, não há dúvida de que ela constitui um momento estruturante, fundador, porque é através dela que a criança conquista a imagem total de seu corpo, eliminando, desse modo, o fantasma do corpo fragmentado do momento anterior. Mas esta conquista não vem sozinha. Para que ela se torne possível, é

necessário a inscrição da criança na dialética do desejo. A maior dificuldade para compreender o valor estruturante da fase especular a partir de sua articulação com a problemática do desejo pode se condensar na seguinte frase: o desejo, nesta etapa, evoca a castração ao mesmo tempo que a evita (Dor, 1985:103). É, portanto, em torno dela que nossa reflexão se centra no presente capítulo.

Nesse sentido nos orientamos fundamentalmente pela leitura dos textos em que Lacan considera que o imaginário pressupõe o simbólico, pois este é um registro que só pode se formar a partir da castração do outro. Privilegiar estes textos significa -como já assinalamos- que nosso propósito é destacar o valor estruturante do desejo. Outros autores como C.A.Nicéas, J.Birman, Ph. Julien e P.Aulagnier -além daqueles a partir dos quais trabalhamos no primeiro capítulo- são incorporados na medida em que contribuam para o esclarecimento das questões aqui levantadas.

2.2 - O IMAGINÁRIO: Identificação Primordial. O Ego Como Unidade Imaginária. Alienação Imaginária.

No estágio do espelho a criança se identifica com a imagem do próprio corpo refletida no espelho. Esta identificação primordial marca um momento fundador, um exercício triunfante, porque como diz

Lacan no Seminário I sobre "Os escritos técnicos de Freud", através da conquista da auto-imagem totalizante o sujeito adquire a primeira forma que lhe permite distinguir o que é do ego e o que não é (Lacan, 1975:94). A partir desse momento a criança sabe que ela tem uma forma, que é um corpo unificado e diferente do corpo da mãe, que não é mais um seio ou uma boca confundido com o corpo do outro.

No entanto, o ego-corporal que surge da identificação com a imagem especular não pode ser pensado como um ego sujeito do conhecimento objetivo. Esta nova instância é um ego-objeto, um ego que não se projeta na imagem especular mas que é criado por ela. Nesse sentido pode-se dizer, com Philippe Julien, que a imagem não é puro reflexo passivo, mas engendramento do ego da criança (Julien, 1985:47).

A identificação primordial, embora marque um momento fundador na estruturação do sujeito, se situa no plano do registro imaginário. Dizer que o reconhecimento do espelho é um reconhecimento imaginário, significa que a criança conquista a forma total de seu corpo através da identificação com uma imagem que não é ela mesma (Dor, 1985:101). O imaginário do estágio do espelho não pode ser confundido com imaginação ou com algo irreal. Ele se refere à gestalt, à forma que produz efeito, à imagem com a qual a criança se identifica, uma imagem que não é ela própria mas que lhe permite se reconhecer. O imaginário do espelho se refere "à imagem do corpo humano (...), ao estranho poder de um corpo engendrar outro corpo à sua imagem... como em espelho!". (Julien, 1985:49).

O ego-corporal que surge da identificação especular é uma "unidade imaginária, lugar de alienação para o sujeito, um ego-

objeto" "(Nicéas, 1984:64). Que significa dizer que o ego como unidade imaginária constitui um lugar de alienação para o sujeito? A idéia de alienação deve ser compreendida a partir do conceito de identificação tal como é formulado por Lacan, no sentido em que é a partir do outro, de algo que está do lado de fora, que a criança conquista sua identidade. Em outras palavras, a imagem com a qual a criança se identifica e a partir da qual o ego se constitui, é externa a ele. No seminário I, Lacan diz que esta exterioridade -que constitui a dimensão essencial do humano- representa a aventura originária pela qual o homem faz, pela primeira vez, a experiência de ver-se, pensar-se e conceber-se como outro (Lacan, 1975:94). Por outro lado, é importante acrescentar que a criança se identifica não só com uma imagem externa a ela, mas também com uma imagem ideal. Uma imagem ideal que, como diz Nasio, jamais consegue alcançar:

"...A criança antecipa, através dessa experiência, o domínio de seu corpo: enquanto, antes, vivenciava-se como um corpo despedaçado, agora ela se acha cativada, fascinada por essa imagem do espelho, e se rejubila. Mas trata-se de uma imagem ideal dela mesma, à qual ela jamais conseguirá unir-se. A criança se identifica com essa imagem e fixa-se então numa "estatura". Toma-se pela imagem e conclui: "a imagem sou eu", embora essa imagem se situe do lado de fora, externa a ela. Aí está o que Lacan chama de identificação primordial com uma imagem ideal de si mesmo".

(Nasio, 1992:57).

A partir desta idéia pode-se compreender o júbilo com que a criança reage diante do espelho, como efeito produzido pelo reflexo de uma imagem ideal de si mesma. A sensação de triunfo vivenciada no face a face com a imagem especular mostra que a criança antecipa, imaginariamente, o domínio de seu corpo em um momento em que ainda não consegue o domínio real. Insistir no poder antecipatório da percepção visual significa que a criança conquista a forma total de seu corpo através do reflexo especular numa época anterior à noção de esquema corporal, quando a coordenação motora é ainda imperfeita. Em outras palavras, como diz Lacan em seu artigo "O estágio do espelho", antes de poder dominar seu corpo através de um processo de maturação fisiológica, a criança toma consciência dele como totalidade, adquirindo um domínio imaginário, prematuro em relação ao domínio real. (Lacan, 1966:95).

Lacan explica o poder antecipatório da percepção visual através de uma causa biológica: o estado de prematuridade, dependência e impotência motora do bebê humano. O que precipitaria a formação do ego seria, assim, a discordância entre a imagem totalizante do corpo refletida no espelho - a imagem ideal, algo ainda não alcançado-, e o estado de impotência em que a criança se encontra nesse momento. O júbilo seria compreendido, nesta perspectiva postulada por Lacan em seu artigo "De nos antécédents", como possibilidade de resolver a impotência motora através da identificação especular:

"Esta (a etapa especular) pode ser reduzida a uma crise biológica? A dinâmica que expomos se apóia em efeitos de diacronia: retardo da coordenação nervosa ligado à prematuraçã do nascimento, antecipação formal de sua resolução".

(Lacan, 1966:69).

Sem deixar de lado a importância da idéia de desamparo e prematuraçã do bebê, no mesmo artigo Lacan diz que o segredo de seu júbilo se encontra não só na resolução de uma crise biológica, mas também na troca de olhares com aquele que assiste a seu jogo especular. Destacar a troca de olhares com o outro, com esse "objeto evanescente" para o qual a criança se volta depois de ver sua própria imagem especular, significa insistir na importância do simbólico para a constituição do imaginário, problemática que analisamos a seguir:

"O que é manipulado no triunfo da assunção da imagem do corpo no espelho é este objeto o mais evanescente que só aparece na margem: a troca de olhares, evidente no momento em que a criança se volta para aquele que de alguma forma a assiste, nem que seja apenas assistindo a seu jogo".

(Lacan, 1966:70).

2.3 - O IMAGINÁRIO EMERGE DO SIMBÓLICO: O Narcisismo Como Efeito da Intersubjetividade. Sobre a Importância do Amor de Um Outro Real na Estruturação do Sujeito

O ser humano só pode se constituir a partir e através do outro. Um outro que, ao mesmo tempo que protege do desamparo, possibilita a entrada em um jogo identificatório que permite a estruturação do sujeito. O momento inaugural desse jogo identificatório se estabelece no primeiro encontro mãe-filho quando, ao oferecer o seio como primeiro objeto capaz de resposta a uma demanda ainda não formulada, a mãe possibilita uma identificação estruturante. Com efeito, depois de vivenciar a experiência de satisfação, a criança ingressa no mundo do desejo e da demanda através de um processo de "autonomização", a primeira afirmação da criança. Esse processo é possibilitado, neste momento inaugural, pela identificação com um seio que se separa do corpo da mãe. "O objeto seio se desprende, a criança alucina o seio e, ao alucinar, identifica-se com ele (...) a criança é o seio que alucina" (Nasio, 1993:113). Esta hipótese defendida por Nasio permite compreender -a partir da diferença entre seio nutridor e seio do desejo- a idéia de que o desejo alucinatorio representa a primeira possibilidade de separação do corpo materno com o qual a criança formava um todo indiferenciado.

O estágio do espelho, através do qual a problemática do desejo é analisada neste segundo capítulo, trata de um outro encontro. O encontro sujeito-ego corporal, mediado pelo olhar da mãe. Esta idéia

é fundamental, porque é através da mediação materna -sua presença, seu olhar, sua voz- que a criança conquista a unidade de seu corpo, até então fragmentado. Com efeito, a identificação especular não se limita ao encontro com a imagem da qual o ego emerge. Para que esta identificação imaginária possa se produzir, é indispensável a presença do outro. Esta idéia pode ser ilustrada através do gesto da criança que depois de ver sua imagem no espelho se volta para a mãe que a segura, como querendo receber dela um sinal que além de ratificar essa imagem como sua, possa lhe servir de suporte narcísico.

A dimensão intersubjetiva é, portanto, fundamental. Na etapa especular, significa que o narcisismo dela emergente não pode ser considerado como um interior fechado sobre si mesmo, mas como um exterior constitutivo de um interior (Julien, 1985:48). Assim concebido, o narcisismo inclui a questão do objeto em sua economia.

Também Birman considera -a partir dos textos freudianos sobre o narcisismo- que o narcisismo se refere a uma relação intersubjetiva. Em "Para introduzir o narcisismo", Freud diz que algum outro elemento, uma "nova ação psíquica" deve se acrescentar ao autoerotismo para formar o narcisismo (Freud, 1973 (2):2019). Essa nova ação psíquica refere-se à conquista da "auto-imagem totalizante que organiza o ego originário" (Birman, 1984:23/24). Esta operação torna-se possível através da relação com o outro na medida em que ele participa "da instauração da onipotência primária, isto é, do narcisismo primário" (idem:23/24). Destacando que foi Lacan, que acompanhando Freud, investigou a dimensão especular e imaginária do ego, Birman diz que o ego não existe desde o início, mas se constitui

por meio da imagem do corpo que unifica as pulsões fragmentadas do momento anterior autoerótico (idem:21). O narcisismo primário postula-se, assim, como uma relação especular consigo mesmo -através de uma imagem- sustentada na relação com o outro (idem:27).

Ao refletir sobre a idéia de um narcisismo estruturante, possibilitado pela troca de olhares com a mãe que assiste ao jogo da criança com a imagem especular, Nicéas afirma que "somente em se fazendo, para um outro, objeto de prazer, o sujeito garante ao seu ego corporal a sua condição de suporte narcísico" (Nicéas, 1984:59). Ao "se-fazer-dom-de-prazer-para-o-outro" antes de retornar o olhar ao espelho, a criança lhe confere o poder de completar narcísicamente sua imagem (idem:59). É, portanto, a partir de um narcisismo que pressupõe a reinserção do prazer experimentado num registro relacional, que a criança consegue se ver de modo antecipado como um todo unificado, inteiro. Esta hipótese também é defendida por Aulagnier, autora que também insiste no valor estruturante do narcisismo, quando dependente da relação com o outro:

"No momento em que, pela primeira vez, o sujeito pode se apreender como unidade autónoma, como imagem de um todo em sua posse (...), primeiro bem do qual seria senhor, descobre que esse bem só pode tirar seu brilho do fato de ser objeto de prazer para um outro. O "eu é isso" só pode desempenhar seu papel de suporte narcísico quando investido pela libido do outro; e inversamente, todo dom de amor feito ao outro (...) confirmará em contrapartida o valor narcísico desse "eu".

(Aulagnier, 1990:204).

O que nos propomos destacar é que o estágio do espelho não se limita ao registro imaginário, a uma relação de projeção com a imagem, que engloba só dois termos. Para que a criança possa se reconhecer no reflexo especular, se ver de modo antecipado como corpo unificado -isto é, para que a identificação imaginária possa se produzir-, a mediação do outro, que assiste a seu jogo com o espelho, é indispensável. Dizer que o imaginário pressupõe o simbólico significa que a identificação especular só se torna possível a partir da introjeção da palavra materna que humaniza essa experiência. Em outras palavras, sem essa mediação simbólica a criança só conseguiria ver no espelho o real do corpo fragmentado. Como diz Lacan no Seminário I, não é só o imaginário que se estrutura a partir do simbólico, mas também o registro do real:

"(...) podemos, assim, perceber como esse mundo se põe em movimento, como imaginário e real começam à se estruturar (...). Todo esse processo tem como ponto de partida esse primeiro quadro (fresco) que constitui uma palavra significativa, formulando uma estrutura fundamental que, na lei da palavra, humaniza o homem".

(Lacan, 1975:101/102).

Por vezes Lacan fala da presença evanescente do outro, por vezes do olhar do outro. No parágrafo anterior, ele fala de uma palavra significativa que humaniza o homem. Mas aquilo do que se

trata, definitivamente, é de saber "qual é a função do outro, do outro humano, na adequação do imaginário e do real" (idem:160). Falar em termos de "adequação do imaginário e do real" significa que para se "desenvolver" a criança precisa da mediação simbólica, aqui representada pela figura materna (idem:101). Na etapa especular, o desenvolvimento da criança passa pela possibilidade de eliminar o fantasma do corpo fragmentado correspondente ao real, e de emergir como ego-corporal, unidade imaginária.

No entanto, como veremos mais adiante, esse imaginário estruturante do psiquismo da criança também é identificado com o registro do engano, do ego-objeto que não aceita a falta, nem no outro, nem em si mesmo. Sem negar seu valor estruturante, o imaginário também é compreendido como uma defesa ("eu sou isso", "eu sou aquilo", que corresponde a: "eu sou o corpo perfeito, inteiro que minha mãe vê no espelho) que supõe erro, engano, ocultamento da verdade do sujeito.

Em relação à função do outro humano que representa o simbólico, consideramos, com Safouan, que independentemente da forma que ele assuma -um olhar, uma palavra, uma presença silenciosa-, é o amor que lhe dedica ou dedicou o outro real o que possibilita a inserção da criança na ordem simbólica:

"Mas o essencial, e nisso está a necessidade de nosso tópico, é que essa relação de amor que liga o sujeito à sua própria imagem e que lhe mediatiza as relações com seus objetos, é ela própria uma relação mediatizada pelo amor que lhe dedica ou lhe dedicou outro real".

(Safouan, 1970:55).

A importância que esta dimensão possui no processo de humanização do bebê pode ser ilustrada através dos casos em que ela não está presente, por exemplo no caso das crianças que sofrem de hospitalismo por terem sido confiadas, em grupos de dez, aos cuidados de uma "nurse". Ph. Julien considera que o que faltou a esses bebês não foi um adulto "bom", mas a possibilidade de construção de uma imagem própria (Julien, 1985:71). É só através da presença de um outro privilegiado -seja a mãe ou uma "nurse"- que ele poderá se subtrair desse mundo anônimo onde não faltam cuidados, mas sim o amor, o desejo do outro.

O valor estruturante da função simbólica não se limita à ilusão imaginária dela emergente. Os três registros não podem ser pensados de modo separado pois existe entre eles uma interligação. Pensar na relação simbólico-real-imaginário significa que a transformação do caos original (o real do corpo fragmentado que se confunde com o mundo exterior) em uma realidade organizada (não só ao nível do próprio corpo como unidade, como também ao nível da realidade exterior, da relação com os outros egos e com os objetos do mundo exterior) decorre do simbólico.

Ao comentar a necessidade de uma palavra, de uma presença significativa que humanize o caos do mundo de Dick -paciente de M.Klein que não consegue se estruturar por causa da ausência do outro- Lacan insiste, ainda no seminário I, no efeito estruturante da incidência do simbólico:

"(...)o mundo exterior -o que chamamos mundo real, e que não é mais que um mundo humanizado, simbolizado, construído pela transcendência introduzida pelo símbolo na realidade primitiva- só pode se constituir quando se produziram, no justo lugar, uma série de encontros". (...). Isso significa, simplesmente, que o ego (no caso de Dick) não pode ser validamente utilizado como aparelho na estruturação desse mundo exterior (...), o ego não aparece, pura e simplesmente".

(Lacan, 1975:102).

O ego é uma ilusão, mas uma ilusão necessária, estruturante, que humaniza o mundo da criança. O estágio do espelho marca um desses encontros que, no caso de Dick, faltou. Ele representa o encontro inaugural que possibilita a formação do ego como unidade imaginária.

A seguir refletimos sobre a experiência especular através de sua articulação com a problemática do desejo. Nesse sentido consideramos importante destacar que insistir na necessidade do amor do outro para a constituição do imaginário, significa insistir na idéia de que o outro é um ser desejante, marcado pela falta. Em outras palavras, que amor e desejo vão juntos, porque se a mãe ama o filho é porque deseja o falo.

2.4 - Articulação da Problemática do Desejo Com a Experiência Especular

No plano do registro imaginário o desejo é desejo de ser objeto do desejo do Outro, de ser o único objeto dos seus cuidados. Este momento do desenvolvimento corresponde ao momento em que a criança, ao se identificar com o objeto do desejo da mãe, vive na ilusão de completá-la, na ilusão de que ambos constituem um conjunto harmonioso e completo. O valor estruturante deste registro é inquestionável. Ele salva da angústia do corpo fragmentado, equivalente, se pensarmos em termos estruturais, à angústia do nada, do vazio que invade o sujeito quando descobre que não existe resposta adequada, que ninguém sabe o que ele mesmo não sabe sobre si. O imaginário, registro do erro e do engano deve ser considerado, portanto, também como defesa estruturante do sujeito.

A articulação da experiência especular com a problemática do desejo é trabalhada a partir da importância do outro - não só enquanto simbólico mas também enquanto semelhante- no processo de reconhecimento do desejo. Com efeito, tanto a dimensão do Outro simbólico -lugar da falta materna que possibilita a emergência do desejo no filho-, como a dimensão do outro enquanto semelhante -lugar através do qual o desejo pode ser percebido-, são fundamentais para a constituição imaginária do desejo.

2.4.1- A Mãe do Espelho é um Ser Desejante

Insistir na importância da mediação materna para que a criança possa conquistar a unidade do corpo e sentir-se digna de amor significa insistir que a mãe é um ser desejante, marcado pelo simbólico. Pensando esta idéia a partir da experiência do espelho, pode-se dizer que para que a imagem totalizante do espelho possa se produzir, a criança deve encontrar um lugar para suprir a castração materna, um lugar de falta pois é justamente nesse espaço deixado pelo Outro que se precipita a imagem especular. Esta perspectiva pressupõe que o imaginário é um registro que se forma a partir da castração, isto é, que só pode se formar se houver uma falha no outro. É nesse sentido que Lacan afirma que o primeiro encontro é com a castração do Outro. Com efeito, tanto uma mãe deprimida -que enxerga na criança apenas a repetição do seu próprio fracasso-, quanto uma mãe completa -que não tem lugar de falta, que não deseja o falo porque o tem na presença corporal da criança-, não permitem a inserção do filho na dialética do desejo.

O imaginário é consequência da castração, é a marca mais indelével do simbólico porque ele só pode emergir da falta materna. O simbólico introduz a falta, uma falta que o imaginário se propõe encobrir. Pensar esta dialética imaginário/simbólico a partir de sua articulação com a questão do desejo tal como se estrutura nesta fase, significa que o filho se coloca no lugar de ser o falo que completa a mãe porque "intui" sua falta:

"É porque a criança pressente (mais do que ela descobre) que o desejo do Outro ocupa o mesmo lugar de falta que o seu próprio, que ela pode constituir-se como um objeto potencial do desejo do Outro, até mesmo como o objeto suscetível de preencher a falta do Outro sob a forma de uma identificação ao objeto fálico".

(Dor, 1985:189).

Esta hipótese de Lacan apresentada por Dor, nos confronta com outro paradoxo já mencionado na introdução deste capítulo: o desejo, tal como se constitui na etapa especular, evoca a castração ao mesmo tempo que a evita. Em que sentido deve-se entender a afirmação de que o desejo evoca a castração? A criança não nasce com a ciência da ordem simbólica mas é introduzida nela através da castração materna, diz Safouan para explicar que o desejo do filho de se identificar com o objeto de desejo da mãe pressupõe uma falha, uma mãe também desejante (Safouan, 1970:62). Com efeito, dizer que neste período o filho representa ou substitui o que a mãe deseja ter significa que não existe fusão nem complementariedade perfeita, mas uma relação mediatizada pela falta. O gesto da criança que depois de ver sua imagem no espelho se volta para a mãe simboliza que ela chama a mãe em sua dimensão simbólica. Como aquele ser incompleto que nomeia, ao mesmo tempo que deseja:

"de um lado, a criança espera dela um sinal, um assentimento, um 'sim': chama a mãe em sua dimensão simbólica, aquela que nomeia, que reúne a nomeação; de outro lado, ela vê que a mãe a

olha: percebe o olhar, o desejo da mãe; confronta-se então com a mãe pulsional, a que é faltosa, e portanto, desejante".

(Nasio, 1992:64).

Dizer que na experiência especular o desejo evoca a castração, significa que é a partir da castração materna que a criança pode estruturar seu desejo através da identificação com o objeto capaz de completar a mãe. É nesse sentido que Lacan afirma no Seminário 5 sobre as formações do inconsciente, que detrás da mãe se perfila toda essa ordem simbólica da qual ela depende, e esse objeto predominante -o falo (Lacan, 1970:86).

Embora estruturante porque possibilita o desenvolvimento da criança através de sua inserção na dialética do desejo, esta etapa deve ser ultrapassada. Por que a necessidade dessa ultrapassagem? Porque se identificar com o objeto de desejo da mãe implica a negação de uma falta. É nesse sentido que deve-se entender a idéia antes mencionada de que na etapa especular o desejo evoca a castração ao mesmo tempo que "a evita". Porque ao se colocar nesse lugar, a criança continua sustentando a ilusão da saturação definitiva do desejo que implica a negação da falta, tanto em si mesmo como no outro. A criança do espelho é, portanto, a criança que se estrutura a partir do desejo de manter vivo o prazer mítico representado pela experiência de satisfação inicial. A criança do espelho é a criança perfeita, bonita, que brilha. Ao se colocar no lugar do falo ela vive na ilusão de completar a mãe, recusando, desse modo, a essência mesma do desejo.

"De uma certa maneira, ser o único objeto de desejo do Outro representa, para a criança, recusar a essência fundamental do desejo que é a falta. A criança tanto recusa, por sua própria conta, esta dimensão da falta, quanto procura recusar a falta no Outro apresentando-se ela mesma como objeto dessa falta. Inversamente, reconhecer a falta no Outro como algo impossível de ser preenchido prova que a criança aceita a falta no processo do seu próprio desejo. Esse reconhecimento está no princípio mesmo da questão fálica que se desenvolve quando a criança abandona a posição de objeto de desejo do outro em benefício da posição de sujeito desejante"

(Dor, 1985:189/190).

Nos dois casos mencionados no parágrafo anterior, ou seja, tanto no caso de ser o objeto do desejo materno como quando se é sujeito do desejo, o filho é introduzido na dialética do desejo a partir da falta do Outro. De certo modo pode-se dizer, então, que em ambos os casos existe reconhecimento da falta no outro. No entanto, no primeiro caso há um desejo ilusório de preencher essa falta, enquanto que no segundo a falta é reconhecida como constitutiva do ser humano. A partir dessa aceitação abre-se um leque de possibilidades para a criança, que pode se desenvolver através do relacionamento com objetos substitutos do desejo, isto é, com todos aqueles objetos que vêm ocupar o lugar do objeto perdido.

2.4.2 - O Desejo Só Pode Ser Percebido Através do Outro

Dizer que o desejo é percebido através do outro significa que ele só pode ser captado de fora para dentro. A seguir, refletimos sobre esta idéia defendida por Lacan no Seminário I destacando três aspectos essenciais. Em primeiro lugar, quando a criança ainda não fala, o desejo só pode ser percebido através do corpo, da imagem do próprio corpo refletida no espelho. Em segundo lugar, no plano do registro imaginário o espelho pode faltar e o corpo de uma outra criança -seu semelhante- funcionar como espelho que possibilita o reconhecimento do desejo. Por último, na relação narcísica/imaginária a criança pode reconhecer o desejo não apenas através do corpo do outro mas também de sua palavra.

1) Pensada a partir da experiência especular -quando o desejo não pode ser reconhecido através da linguagem porque a criança ainda não fala- esta idéia significa que nesse momento o desejo só pode ser visto no outro e, como diz Lacan ainda no Seminário I, através de uma imagem exterior ao sujeito: o reflexo do próprio corpo projetado na imagem especular.

"O primeiro impulso (...) do desejo passa no sujeito humano pela mediação de uma forma (...). O homem sabe que ele é um corpo (...). Essa imagem é o anel, o gargalo, pelo qual o feixe confuso do desejo e das necessidades deverá passar para ser ele mesmo, isto é, para aceder à sua estrutura imaginária".

(Lacan, 1975:200).

Esta hipótese defendida por Lacan se fundamenta na idéia de que o primeiro impulso do desejo passa pela mediação de uma forma que a criança vê projetada, externa a ela, e que corresponde, em um primeiro momento, a seu próprio reflexo (idem:200). Na etapa do espelho a dimensão da imagem e do corpo enquanto forma são, portanto, fundamentais para que o sujeito possa reconhecer seu desejo através do outro.

Em relação à imagem, é através da imagem narcísica produzida pela experiência especular que a criança adquire, de modo fantasmático, o domínio do próprio corpo que ainda não obteve. "Esse domínio, o sujeito se revela totalmente capaz de assumi-lo em seu interior", diz Lacan, para explicar o movimento de bascula pelo qual a criança assume em seu interior um corpo no qual pode se reconhecer (idem:192). Este fenômeno do transitivismo, que estabelece uma relação entre o fora e o dentro, pode ser ilustrado através do comportamento da criança que chora quando vê o outro cair, ou que diz ter sido batida quando, na realidade, é ela quem bate.

A dimensão do corpo também é fundamental porque quando a criança ainda não fala, é só a partir dele que pode se produzir o intercambio necessário para a emergência do desejo (idem:193). Com efeito, ao não poder ser reconhecido pela palavra, o desejo só pode ser percebido através do corpo do outro -seja este o outro do espelho, uma outra criança, ou a mãe em sua dimensão imaginária.

"O sujeito nota e reconhece originalmente o desejo por intermédio "não apenas de sua própria

imagem, mas também pelo corpo do semelhante (...). É porque ele reconhece seu desejo no corpo do outro que a troca se faz. É porque seu desejo passou para outro lado que ele assimila o corpo do outro e se reconhece como corpo".

(Lacan, 1975:169).

O desejo é percebido primeiro no outro e sob a forma a mais confusa, diz Lacan ao se referir a esse movimento de balança, de troca com o outro através do qual o desejo é percebido (idem:193). Mas, quem é esse outro? Na etapa especular ele corresponde à imagem "completa" refletida no espelho, a esse corpo inteiro, perfeito, identificado com o objeto de desejo materno. O outro, porém, pode também estar representado por um semelhante, porque se num primeiro momento o impulso do desejo passa pela mediação do imagem refletida no espelho, mais tarde ele passa pela mediação de uma forma que a criança vê projetada no outro, seu semelhante.

2) Para ilustrar a idéia do outro como semelhante através do qual a criança que ainda não fala reconhece seu desejo, isto é, para pensar esta problemática além da experiência especular propriamente dita -através dos efeitos que ela produz-, Lacan se serve de uma imagem evocada por Santo Agostinho: a inveja experimentada pela criança que vê seu irmãozinho mamar no seio da mãe (idem:193). Devido ao estado de desamparo e prematuração a criança "acha-se fascinada, cativada pela imagem do outro que encarna uma posição de domínio" (Nasio, 1992:60). A fascinação diante da imagem especular decorre da forma de um corpo unificado que a criança ainda não sente ter.

No exemplo de Santo Agostinho, a imagem do irmão que mama no seio da mãe produz a mesma fascinação na criança. Ela só quer estar no lugar dele, ser ela o único objeto de desejo da mãe. A criança reconhece seu desejo através do outro, seu semelhante. No entanto, o reconhecimento do desejo nessa lógica especular imaginária passa pelo desejo de eliminar o outro. "Mas, graças à Deus, o sujeito está no mundo do símbolo" (Lacan, 1975:193). Como articular o simbólico -aqui representado pela possibilidade de coexistência com o outro, de que o reconhecimento do desejo não conduza, inevitavelmente, ao desejo de eliminá-lo-, com a questão do desejo como impulso necessário para a constituição do sujeito? Como compreender, através deste exemplo, o valor estruturante do simbólico? A palavra materna humaniza a experiência da criança, permite que imaginário e real possam começar a se estruturar, diz Lacan (idem:101/102) ao se referir à necessidade da mediação materna para que o ego imaginário possa se construir. No exemplo de Santo Agostinho, a criança 'observadora' reconhece seu desejo através do semelhante. Através do corpo do irmão. Como quebrar a tensão emergente do confronto ego/ego ideal? Como dizer que é através do desejo que a criança pode se estruturar, quando ele pressupõe a eliminação do outro? Na lógica especular o reconhecimento do desejo através do semelhante conduz a um impasse, porque eliminar o outro -colocado no lugar de ego ideal- significa não ser "reconhecido" pela mãe como alguém passível de ser amado.

Falar em termos de ser reconhecido pela mãe como alguém passível de ser amado introduz uma outra questão -que mais adiante analisaremos-, fundamental para compreender a problemática do desejo. Com efeito, não é o mesmo dizer que o desejo só pode ser

'reconhecido' através do outro -enquanto semelhante- e dizer que o desejo é, sempre, desejo de ser 'reconhecido' pelo Outro, neste momento representado pela figura materna.

3) Por último, nos referimos a idéia de que no plano do registro imaginário o desejo pode ser reconhecido não só através do corpo do outro mas também da palavra do outro enquanto semelhante. Nasio ilustra a idéia de que a criança reconhece seu desejo através da "relação narcísica com o semelhante", com uma sequência clínica apresentada por H.Deutsch e comentada por Lacan no Seminário "De um ao outro" (1969). Trata-se de um menino de 7 anos que brincava no quintal de sua granja. O menino estava agachado, diz Nasio, quando o irmão pulou encima dele e disse: "eu sou o galo e você é a galinha". Se o gesto e a palavra do irmão funcionam como trauma desencadeante de uma fobia é porque tornam manifesto um tipo de relação que ele mantinha com a mãe sem o saber: que ele estava dedicado ao gozo dela. Este exemplo mostra que o desejo angustiante de completar a mãe foi reconhecido através da relação com o semelhante, "da imagem remetida pelo semelhante" que lhe revelou "o que ele era, havia muito tempo, sem o saber" (Nasio, 1992:63). Estamos em pleno registro imaginário, onde a criança, colocada no lugar do falo que completa a mãe "corre o risco de se tornar o títere vivo de um desejo cujo sujeito é a mãe", diz Safouan ao insistir nos riscos desta relação que, embora estruturante, pode ser geradora de angústia (Safouan, 1970:54).

2.4.3 - O Desejo é Desejo de Ser Reconhecido Pelo Outro

O segundo tempo do complexo de Édipo implica a aceitação da falta na mãe. Ao privar a mãe do objeto fálico, o pai frustra tanto o filho quanto a mãe. O pai proibidor que possibilita a renúncia ao desejo de ser o objeto que completa a mãe é, neste momento do Édipo, um pai todopoderoso que se identifica com o falo. É só no terceiro tempo do Édipo, quando o pai demonstra que também ele é um ser faltante, que pode se produzir algo que instaura a instância do falo como desejado pela mãe e não só como algo do qual o pai pode privá-la. Só sob esta condição a função paterna pode ser representativa da lei e possibilitar, no filho, a emergência de um desejo que inclui a falta como elemento constitutivo.

No entanto, definir a essência do desejo através de sua falta constitutiva não significa negar a importância do elemento que acabamos de destacar: que o desejo é, sempre, desejo de ser reconhecido. Com efeito, dizer que a partir de um determinado momento o desejo começa a ser reconhecido através da palavra e não mais do corpo, ou que ele deixa de se apresentar como aquilo que completa a mãe, não significa negar que o desejo sempre se constitui como desejo de ser reconhecido. Como diz Lacan em seu artigo "Função e campo da palavra e da linguagem":

"O desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detém as chaves do objeto desejado, quanto porque seu primeiro objeto é de ser reconhecido pelo outro".

(Lacan, 1966:132).

A mãe como ser desejante é fundamental na estruturação do sujeito. Não só, como já vimos, porque a partir desse lugar ela possibilita a estruturação do filho, mas também porque é a partir desse lugar que o filho pode, mais tarde, renunciar ao desejo que recusa a falta e se constituir através da produção de outros objetos substitutos desse desejo inicial. Mas o ser humano está marcado por um desamparo fundamental. Há algo que ele não domina, que desconhece. É por isso que não podemos deixar de nos referenciar ao Outro que nos reconhece através do trabalho e dos diferentes objetos substitutos que encontramos. Esse reconhecimento, esse saber-se alguém para o Outro protege do desamparo, da angústia do desconhecido. Com o recalçamento -como veremos no próximo capítulo- o homem renuncia ao desejo de completar a mãe mas não ao desejo de reconhecimento pois todos os desejos substitutos, mesmo assumindo a castração e a falta, levam sua marca. Este desejo se identifica com o desejo de ser amado, com "a origem do amor" como diz Safouan, "pois o ser que faz falta é, no fundo, uma falta de ser (...) que, como veremos, é preservada graças (...) à sua organização como castração simbólica" (Safouan, 1970:59). É a partir desta dimensão do amor, tal como é formulada por este autor, que no próximo capítulo abordamos a brincadeira do Fort/Da através de sua articulação com a problemática do desejo.

III - DESEJO E FORT/DA

3.1 - Introdução

Tomando como base de nossa reflexão a brincadeira do Fort/Da, neste capítulo privilegiamos as questões levantadas pelo caráter inconsciente do desejo.

A partir do momento em que a criança não precisa mais do suporte da presença real da mãe para se sentir amada, nem do suporte da imagem especular para sentir que existe, ela ingressa no mundo dos símbolos. O símbolo representa a morte da coisa. Começar a falar pressupõe, na perspectiva indicada por Lacan, renunciar ao desejo incestuoso. O recalque originário, manifestação do encontro com a linguagem, demonstra que a coisa foi perdida. Ele é protetor, porque nomeia. A criança que consegue renunciar ao desejo primordial ingressa no mundo dos símbolos como sujeito de um desejo que, agora, consegue nomear.

Falar em termos de sujeito de um desejo que pode ser nomeado significa privilegiar o lado consciente ou inconsciente do desejo? Afinal, somos seres falantes, capazes de renunciar ao outro e nos contentarmos com símbolos? Ou somos seres habitados e atravessados pela linguagem, que não sabemos o que dizemos quando falamos? Como se posiciona a psicanálise diante da alternância

inconsciente/consciente, sujeito de um desejo/desejo de um sujeito, reconhecimento do desejo/desejo de reconhecimento?

Começamos nosso estudo acompanhando o pensamento de Safouan sobre um exemplo extraído da observação de Freud: o jogo do Fort/Da. Consideramos importante privilegiar sua interpretação porque ela possibilita compreender o significado da passagem do estágio do espelho ao Fort/Da, enfatizando, desse modo, o corte fundamental representado pela brincadeira do neto de Freud. A idéia de que o sujeito é efeito da linguagem pode ser compreendida a partir deste momento em que ele aceita a permanência do objeto -seja este a mãe, ele mesmo, ou qualquer outro objeto da realidade- independentemente de sua presença.

Na segunda parte, refletimos sobre os efeitos simbolizados pelo Fort/Da, através de sua articulação com a problemática do desejo. Partimos de vários dos autores já mencionados precedentemente, e incorporamos outros como O.Souza e A.Lemaire, na medida em que nos permitem avançar nas interrogações centrais deste capítulo.

3.2 - Do Jogo do Espelho ao Jogo do FORT/DA

Em "O Fracasso do Princípio do Prazer" Safouan aborda a problemática do Fort/Da, tomando como ponto de partida de sua

reflexão o modo como a criança reage diante da ausência da mãe. Por que diante da mesma situação -a ausência da mãe-, aos oito meses a criança reage com angústia e aos dezoito meses com indiferença? O que foi que ela vivenciou nesse breve período de tempo, para que a placidez e a indiferença venham no lugar da estranheza e da angústia? É claro que não se trata exatamente da mesma situação, porque o primeiro caso se refere ao fenômeno descrito por Spitz no qual a criança de oito meses reage com angústia diante de um estranho, enquanto que o segundo se refere a uma observação de Freud: seu neto Hans que reproduz, em sua brincadeira do Fort/Da, a separação de sua mãe. No entanto, consideramos importante poder ligar ambas experiências para compreender o significado do Fort/Da e sua incidência na emergência do desejo, tal como se estrutura a partir desse momento.

Ambas situações, embora não sejam idênticas, apontam para a mesma realidade: a ausência da mãe. Como estabelecer uma ponte entre elas? Uma ponte que, ao mesmo tempo que evoque continuidade -porque estamos refletindo sobre o modo como o psiquismo se constitui- não exclua a idéia de ruptura, de corte, indispensável em todo processo de estruturação. Os momentos de ruptura anunciam a emergência de algo novo. O novo, neste caso, é a possibilidade do encontro com a linguagem que supõe a aceitação da perda, da ausência, tanto do outro como de nós em relação a nós mesmos.

Sem deixar de lado uma visão estrutural que estende os efeitos dessas experiências para além do momento em que são vivenciadas, também nos interessa refletir sobre seu valor estruturante na época em que são vividas. Embora tanto a experiência de satisfação como a

experiência do espelho ou a brincadeira do Fort/Da possuam um suporte real, elas não deixam de ser hipóteses levantadas pela psicanálise para pensar o modo como se constitui o psiquismo e a importância da dimensão do outro nesse processo.

Nesse sentido nos parece interessante destacar que se os efeitos estruturantes decorrentes da experiência de satisfação dominam mais ou menos até a época do desmame, nesse momento surge o espelho como que introduzindo um corte, um elemento de ruptura. O espelho se interpõe, pode se dizer, entre o seio da mãe e a boca do bebê, mostrando-lhe que ele não é um corpo fragmentado e identificado com o seio através da alucinação, mas uma unidade na qual pode se reconhecer.

A experiência do Fort/Da simboliza um outro corte, fundamental no processo de constituição do sujeito porque através dela a criança demonstra que não precisa mais do suporte da presença real da imagem do espelho para sentir que existe, nem do suporte da presença real da mãe para se sentir amado. Como veremos adiante, o importante nesta experiência é que através dela a criança pode se estruturar a partir de algo que ela mesma começa a manipular: o símbolo, que lhe permite se abstrair da presença real do outro, e que nesse momento se expressa através do gesto, da ação, e de duas vogais: *oooi aaai*. É nesse sentido que Safouan diz "a relação de amor, da qual a criança não tinha até o presente senão sofrido seus efeitos, deveria tornar-se logo manipulada por ela" (Safouan, 1988:92). Privilegiando esta idéia como ponto de guia de nossa reflexão, abordamos a problemática ligada ao Fort/Da a partir da "dimensão do amor" acompanhando, nesse sentido, o pensamento deste autor: "O amor é, como o próprio

narcisismo, de dupla face. Ele é, como o simbólico, manipulação do que há de ausência na presença". (Safouan, 1988:83).

Compreender a passagem do estágio do espelho para o Fort/Da significa compreender o sentido destas duas frases. A primeira evoca a dimensão narcísica, especular, e possibilita entender o sentimento de angústia através da aproximação entre o fenômeno descrito por Spitz e a experiência da criança do espelho. A segunda frase marca um momento inaugural, o acesso da criança ao mundo dos símbolos. Tomando como ponto de partida a indiferença de Hans diante da ausência da mãe, o autor vai nos levando, através de sua interpretação, a pensar este sentimento como a prova da emergência de algo novo: a possibilidade de aceitar a ausência do outro e, de certo modo, de dominar essa ausência através do símbolo. A placidez e indiferença de Hans constituem a prova de uma aprendizagem: deixar de ser o único objeto do desejo materno não significa deixar de existir, mas assumir um outro lugar, o lugar de sujeito do desejo.

3.2.1 - Sobre o Significado da Angústia da Criança do Espelho

Por que sentir angústia e não decepção, raiva ou desilusão diante da ausência da mãe?, se pergunta Safouan. O autor interpreta esta reação da criança de um modo singular, que acrescenta uma outra

possibilidade de leitura, pois -a diferença de Spitz que explica a angústia a partir do amor pela mãe- ele considera que o amor é, sempre, de dupla face, isto é, que o amor do filho pela mãe supõe o amor da mãe pelo filho. A partir desta idéia o fenômeno descrito por Spitz pode ser aproximado da experiência especular que a criança vivencia por volta da mesma idade, pois, como vimos no capítulo anterior, o narcisismo dela emergente demonstra que o sujeito não tira o amor por si de si mesmo, mas do outro. É porque a mãe ama a imagem do filho, que ele pode se amar e nela se reconhecer. Nesse sentido, e com o objetivo de compreender a angústia da criança de oito meses podemos pensar, com Safouan, que o reconhecimento da imagem no espelho faz parte do mesmo processo, corresponde ao mesmo momento em que o rosto da mãe se destaca e se diferencia dos outros:

"Não é um acaso, mas uma situação gemelar que a própria estrutura do narcisismo comanda. Se o rosto da mãe se destaca 'qua face' precisamente na idade em que a criança igualmente se destaca para si mesma, isso não é por acaso e sim pela situação gemelar que a própria estrutura do narcisismo comanda".

(Safouan, 1988:88).

Dizer que o amor é de dupla face significa que a angústia diante de um rosto que não é o da mãe pode ser comparada à angústia em que submergeria a criança "se lhe aparecesse no espelho um rosto que não o seu" (idem:88). Por que nesse momento essa surpresa

poderia tomar "proporções de uma catástrofe"? (idem:88). Porque nessa etapa ainda não se adquiriu o sentido da permanência, da conservação da imagem de si e do outro, independentemente da presença real. É por isso que o sentido próprio da existência, do ser, que ainda não está totalmente construído, corre o risco de desmoronar se a criança "vê" um rosto diferente do de sua mãe, do mesmo modo que se ela "vê" no espelho a imagem de um rosto que não é o seu. A aproximação dessas duas experiências através do narcisismo como estrutura gemelar, que as engloba, possibilita a compreensão do sentimento de angústia que, para o autor, pode surgir tanto diante de um estranho como diante do espelho que reflete uma imagem diferente à da própria criança.

Por que, então, o pequeno Hans reage com indiferença aos dezoito meses, ou seja em um momento que corresponde, aproximadamente, ao fim da experiência especular?

3.2.2 - Sobre o Significado da Indiferença de Hans na Brincadeira do Fort

A brincadeira do neto de Freud é um "exemplo problemático" suscetível de diferentes interpretações (Safouan, 1988:81). Ao analisar o jogo do Fort/Da, num primeiro momento Freud dá um lugar

importante à idéia de que através dessa atividade lúdica a criança consegue virar a situação em seu benefício, isto é, assumir um papel ativo numa situação desagradável -a ausência da mãe- que antes vivia de modo passivo. Se inicialmente ele atribui este impulso a um instinto de domínio -independente de que a lembrança seja ou não penosa em si mesma- mais tarde ele diz que ele se deve à satisfação de um impulso reprimido de vingança contra a mãe. Como se o filho lhe dissesse: "sim, você pode ir embora, não te necessito, sou eu quem te manda embora" (Freud, 1973 (3):2512).

Freud tenta, também, compreender esta situação através da hipótese de que a atividade psíquica está regida pelo princípio do prazer, pela substituição de um estado desagradável por um estado agradável. No entanto, ao observar que o que predomina não é a substituição do desagradável pelo agradável -o movimento de trazer de volta o objeto correspondente ao "Da"-, ele abandona esta idéia. Esta hipótese é eliminada pela observação de que a primeira parte da brincadeira -quando Hans joga ao longe todo objeto que lhe cai na mão- era representada como constituindo, em si mesma, uma brincadeira que se repetia com muito maior frequência que a totalidade do jogo com seu fim agradável (idem:2512). Nesse sentido podemos dizer, com Safouan, que se tratava de uma brincadeira de Fort somente, e não de Fort/Da. Insistir na importância do Fort significa que a ênfase deve ser colocada na repetição de uma experiência penosa, a separação da mãe.

Mas por que a indiferença, a placidez de Hans, se a separação representa um momento penoso? Para não sofrer demasiadamente? É possível que uma certa insensibilidade possa proteger da dor. Mas

essa insensibilidade, longe de provocar uma ação de descarga, deixaria a criança imóvel, diz Safouan (idem:89). Vejamos em que medida este autor, tomando como ponto de partida as diversas interpretações de Freud, contribui de modo singular para o esclarecimento do significado desta atividade lúdica. O eixo de sua reflexão passa pela necessidade de compreender a reação do menino, isto é, que ele não chorasse durante a ausência de sua mãe ainda que fosse muito ligado a ela. Ao invés de chorar, jogava tudo que lhe caía na mão, como querendo desse modo "arrancar o objeto de sua presença real, mandando-lhe passear alhures"(idem:91). Explicar a indiferença de Hans através do primeiro ato de jogar -do Fort-, significa que ele está preocupado com outra coisa, que sua atenção está em um outro lugar, apreendendo algo diferente, novo. O Fort, mais que um ato de vingança ou de descarga por causa da dor que provoca a ausência da mãe, corresponde a:

"(...)um momento análogo àquele da parada que precede a sideração, um momento de pré-compreensão. De que? Não da ausência da mãe, mas muito mais do caráter passageiro de sua presença, daquilo que ela foi... e não é mais".

(Safouan, 1988:91).

A repetição desse gesto significa que a criança está elaborando a idéia de que o objeto pode permanecer, independentemente

de sua presença real. Nesse sentido pode-se dizer que o fundamental na brincadeira do Fort, não é o som nem o objeto jogado (que pode ser um objeto qualquer), mas o gesto, a ação de jogar tudo que lhe cai na mão. "O gesto de fazer desaparecer é também uma conservação", diz Safouan (idem:91), para insistir na importância da ação correspondente ao Fort, como forma de compreensão do caráter passageiro da presença. Por outro lado, ao observar que a própria criança pode se incluir nesse jogo, repetindo com ela mesma o gesto de se fazer desaparecer diante do espelho, o autor confirma mais uma vez sua hipótese de que esse ato não pode ser interpretado como a repetição de uma experiência imposta pelo outro, a partir da idéia de vingança ou descarga. Trata-se de uma aprendizagem que permite resolver a questão da ausência do objeto, seja este a mãe, a própria criança, ou os primeiros objetos do mundo exterior. Considerada sob este ângulo -como jogo que a criança pode fazer com qualquer objeto, até com ela mesma-, a repetição do gesto do "fazer desaparecer" expressa a conquista de algo novo.

Com um ano e meio de idade, Hans já pronunciava algumas palavras compreensíveis, dispondo também de alguns sons significativos que eram compreendidos pelas pessoas que o rodeavam (Freud, 1973 (3):2511). O que se depreende dessa observação de Freud é que antes de inventar a brincadeira a criança estava prestes a falar, mas ainda não falava; percebia a ausência da mãe mas ainda não estava em condições de pensar essa ausência. Por que, com essa idade, ela ainda não podia responder à questão "onde está tua mãe?" por um: "ela não está aqui"?, pergunta Safouan (idem:94). Porque nesse momento está apenas no nível da interjeição: 'o-o-o-', no nível de

alguns sons significativos, no qual ainda falta perceber a permanência do objeto, independentemente de seu aparecimento ou desaparecimento. É justamente isso que o menino conquista na brincadeira: "Não duvidamos, quanto a nós, que antes de inventar essa brincadeira, a criança já havia realizado uma percepção da ausência de sua mãe", mas ainda faltava algo fundamental, que é o "que constitui o passo franqueado pela brincadeira (idem:94):

"(...) um lugar onde a coisa, ou a imagem especular da coisa, guarda uma permanência que a arranca dos acidentes do aparecimento e do desaparecimento. Eis porque essa brincadeira é primeiramente uma brincadeira do Fort -como nos ativemos em sublinhar. Não se trata de uma estruturação significativa da ausência, mas da abertura prévia desse campo da ausência onde 'ser' se dissocia de 'ser percebido', e se torna antes sinônimo de 'ser pensado'".

(Safouan, 1988:95).

A interjeição que acompanha o gesto de jogar o objeto ao longe supõe a abertura de um novo campo de compreensão que possibilitará, mais tarde, prescindir totalmente da presença do objeto. Não é só Safouan que insiste na importância da dupla "gesto-interjeição", como primeira tentativa de resolver a questão da ausência do objeto. Como ele mesmo destaca, esta idéia coincide plenamente com o modo como Wallon descreve o nascimento da representação da criança.

Para Wallon a representação só nasce quando se põe a existir por si mesma, isto é, quando pode dispensar qualquer suporte. "Um dia

há" em que a criança se põe a falar na ausência de objetos ou atos. Mas o processo de conhecimento começa muito antes desse dia chegar. Como? O conhecimento, para Wallon, supõe a existência de seres separados e oponíveis à criança, que ela deseja apreender, conhecer, e é por isso que ela lhes dá um nome, "para dar-lhes uma individualidade distinta e estável". No entanto, esta denominação criada pela criança pode, em um primeiro momento, responder a uma etapa do seu desenvolvimento em que a palavra é, ainda, simples eco da percepção ou da ação. Nesse momento, diz Wallon em *Les origines de la pensée chez l'enfant*:

"(a palavra) não é senão a formulação de impressões ou de condutas que se sucedem, sem ter o poder de evocar. A criança não pode saber senão colocar um nome nos objetos na medida que os percebe, os maneja, e se restringir à enunciação do gesto que executa (...). Não é ainda nem lembrança, nem senha. É apenas a concomitância das manifestações orais com suas ocupações momentâneas, mas por onde se opera uma correspondência sempre mais familiar".
(Wallon, apud Safouan, 1988:95/96).

Esta formulação de Wallon pode perfeitamente corresponder a uma leitura da brincadeira do Fort porque o que ela destaca é a importância da 'conduta', do 'manejo', do 'gesto' que a criança executa e graças aos quais a relação com os objetos se torna mais familiar, mais manipulável. Porque num princípio a denominação só pode surgir acompanhando o ato: o 'Fort' acompanhando o ato de jogar, 'mamãe' acompanhando o aparecimento da mãe.

Em um primeiro momento a denominação é "indissociável da situação que a dita" para só mais tarde, através do próprio uso, poder dispensar qualquer suporte atual, seja este a mãe ou outro objeto do mundo exterior. Quando a criança está em condições de representar o objeto para si, de torná-lo presente enquanto imagem, o nome, agora mais ligado à imagem do objeto que ao próprio objeto, se torna compreensível e comunicável para outro. O nome se desprende do suporte da coisa e a criança pode, por exemplo, dizer "Nana é chata, em ausência da governanta e quando ela não exerce nenhuma chatice" (Safouan, 1988: 97).

"Não somente o nome dispensa um tal suporte, mas ainda é ele que torna possível a reprodução da imagem. É porque os nomes emprestam às coisas um ser liberado das limitações do *hic e nunc*, que nos é possível reproduzir as imagens dela (...). Brincando de "jogar ao longe", a criança se exercita na função de senhor do significante entregando-se à substituição". (Safouan, 1988:97/98).

Pensar esta idéia a partir de sua articulação com a experiência especular significa que graças ao domínio adquirido na brincadeira do Fort -ou seja, no ato de "fazer desaparecer" tanto o objeto que representa a mãe quanto sua própria imagem especular-, a criança aprende a dispensar o suporte da presença real (tanto a visão do outro quanto a presença da imagem especular).

3.2.3 - Do Som à Palavra

Continuando com Safouan, autor que pensa as questões levantadas pela elaboração freudiana do Fort/Da a partir de uma interpretação singular da dimensão do amor, vejamos o que ele diz em relação ao segundo momento da brincadeira representado pela alegria do "Da".

O acaso fez com que entre os brinquedos do Fort, ou seja entre qualquer brinquedo que era jogado longe, se encontrasse um cuja estrutura tornou possível o jogo do Fort/Da. Trata-se de um carretel amarrado a um barbante que Hans faz desaparecer para logo puxá-lo de novo para si. Embora seja o primeiro ato que constitui o essencial da brincadeira, pois era este que se repetia incansavelmente, também o "Da" é importante. Com efeito, se contrariamente ao Fort que surge com qualquer objeto, o Da só aparece ligado a um objeto específico, é porque através dessa interjeição acompanhada do gesto de puxar o objeto de novo para si, a criança tenta dominar a dor e o desprazer provocados pela ausência da mãe, seu objeto de amor privilegiado nesse momento.

Nesse sentido pode-se dizer que através desta atividade lúdica, considerada em sua totalidade, a criança começa a manipular a relação de amor da qual não tinha, até então, "senão sofrido seus efeitos" (Safouan, 1988:92). Antes da emergência do primeiro significante -embora no começo este se limite à duas interjeições-, o filho é só um efeito dessa relação, cujo sujeito está representado pela figura materna: tanto quando vivencia a primeira experiência de

satisfação como quando vive a experiência do espelho, a mediação do amor de um outro real é fundamental, mas a criança é mais objeto, mais asujeitada do que sujeito capaz de manipular essa relação.

Ao explicar o maior prazer ligado ao Da -ou seja à reaparição do objeto-, Freud diz que o dia em que a mãe tinha se ausentado por várias horas, ao voltar foi recebida por Hans com as seguintes palavras: "Bebê o-o-o!" (Freud, 1973 (3):2512). Aqui não se trata mais de som mas de palavra, de uma mensagem que pressupõe um emissor e um destinatário:

"Assim também a brincadeira observada por Freud culmina em uma mensagem na qual a criança aparece como sujeito, mensagem que ele endereça a uma mãe que se tornou, pelo mesmo passo, o significante de seu ser amado. Com essa nova objetivação na ordem da linguagem, que engloba aquela que se apóia sobre a imagem especular e remaneja profundamente a estrutura dela, conclui-se a ancoragem do sujeito na ordem do ser".

(Safouan, 1988:99).

O resultado da brincadeira representa a possibilidade, para Hans, de resignificar a mãe de um modo diferente. Hans pode nomear o nomeável, tornar-se sujeito que fala. Enquanto à imagem do corpo próprio que corria o risco de desmoronar, ela também adquire permanência, pode se conservar independentemente dos acidentes do aparecimento e do desaparecimento. No entanto, dizer que o ego que

aparece no espelho pode subsistir entre os dois aparecimentos não significa dizer que ele "ganhou qualquer independência em relação a seu estatuto imaginário" (Idem:112). Essa subsistência só significa que, graças à emergência do significante "Bebê o-o-o!!":

"a imagem que o constitui ganhou uma substancialidade que a entrega, como suporte, a todos os atributos e todos os fantasmas - notadamente àquele que a transmuda em um ego permanente- revestindo-a de invisibilidade".

(Safouan, 1988:112).

Gostaríamos de concluir dizendo que se no início é com indiferença que Hans reage à ausência da mãe, depois ele reage com alegria e júbilo. Nesse sentido vale considerar a brincadeira como um todo que inclui não só o Fort, mas também o Da, e seu momento culminante: a primeira declaração de amor, a primeira palavra de um Hans sujeito, capaz de falar, de nomear a coisa e, portanto, a ela renunciar.

3.3 - Articulação da Problemática do Desejo com a Experiência do FORT/DA: Simbolização de Não Ser Mais o Único Objeto do Desejo Materno

A relação primordial da criança com a mãe pressupõe uma referência triangular porque trás da mãe fálica que deseja se completar através do filho, se perfila toda a ordem simbólica da qual ela depende. Essa idéia formulada por Lacan no seminário V sobre as formações do inconsciente, indica que a criança só pode se inserir no mundo do desejo através de uma mãe desejante, faltante. Com efeito, como foi dito no capítulo anterior, é porque a criança intui a falta na mãe que se identifica com o único objeto capaz de preencher essa falta. Mas esta identificação com o objeto do desejo materno, embora estruturante, implica na negação da essência fundamental do desejo que é a falta, tanto em si como no outro.

Se a simbolização do Fort/Da representa a compreensão do sentido de permanência do objeto apesar da alternância presença/ausência, ela também representa a morte da coisa. Dizer que o símbolo é a morte da coisa ou que a coisa deve se perder para poder ser representada, leva a pensar que se Hans decide inventar essa brincadeira é por perceber alguma transformação em relação ao desejo materno. Transformação materna que, por outro lado, o confronto com sua própria solidão porque o Fort! e o Dal ao mesmo tempo que evocam a ausência da mãe, também evocam a impossibilidade, para a criança, de continuar se colocando no lugar do único objeto capaz de completar a mãe.

"Mas o que será que ela quer? Gostaria que fosse a mim que ela quizesse mas está claro que não sou o único que ela quer, há outra coisa que a preocupa. O que a preocupa é (...) o falo".

(Lacan, apud Dor, 1985:118).

A transformação materna que a criança percebe por causa de sua ausência reiterada a leva a pensar que a imagem do objeto perdido não se reduz mais a ela. Com a brincadeira ela simboliza não só a ausência do Outro mas também sua própria ausência em relação a si mesma. Quem sou eu se não sou mais seu único objeto de desejo? Se esta experiência salva da angústia de ser o títere vivo de um desejo cujo sujeito é a mãe, de ser o instrumento passivo do gozo do Outro, por outro lado confronta o sujeito com a solidão e a incerteza de não saber mais quem ele é.

No seminário VI sobre o desejo e sua interpretação, Lacan aponta para esta idéia quando diz que o desejo humano não pode ser relacionado ao prazer proporcionado por um objeto que satisfaz a necessidade. O desejo não é como o trigo para a galinha, diz ele nesse sentido. O desejo é primeiro desejo do Outro, só pode ser apreendido como desejo do outro. Impotentes e abandonados em suas mãos, dele recebemos o amor, os cuidados e uma condenação: entrar na ordem humana ancorados na posição de objeto do seu desejo. O Outro condena a entrar passivamente na ordem do desejo. Como se desfazer dessa condenação que se repete, que vai além da criança do espelho? Como se liberar da angústia que ela impõe, da angústia de que a falta lhe falte?, como diz Safouan para insistir nos riscos do excesso de presença e desejo materno, que não deixa a criança nem brincar.

"Não é a alternância da presença e da ausência que angustia o filho, o qual, pelo contrário, se compraz em reproduzi-la em seus brinquedos; a mãe o angustia quando não 'o deixa'. Só há angústia de castração nele quando há tentação, isto é, justamente, presença do desejo materno para com ele".

(Safouan, 1970:53).

Por causa do desamparo, pensamos que o Outro tem a resposta à pergunta 'que queres?', 'onde vou?'. Não percebemos que seu desejo é opaco, obscuro, porque inconsciente para ele mesmo. Pensamos que nesse lugar ocupado inicialmente pela mãe, há um saber, "como o há na mão fechada que se estende com a pergunta: 'par ou impar'" (idem:88). É por isso que a criança, ou qualquer um que se empenhe em procurar no Outro a resposta para seu desejo, se sente indefeso.

Como se defender quando à pergunta: 'que queres?', o Outro responde 'não sei'. Uma saída pode ser encontrada na etapa especular, na recaída inevitável no imaginário que funciona como defesa contra a angústia que invade o sujeito quando se interroga sobre o desejo do Outro e não encontra resposta. O ego protege dizendo 'eu sou isso, sou aquilo'. Mas sabemos do impasse de uma posição fixada no imaginário da certeza absoluta. Quando o sujeito descobre que o Outro nada sabe sobre ele, que também a mãe é um ser dividido, não tem outra saída a não ser aceitar que ela é, também, um ser marcado pela falta. Mas não é fácil, para o sujeito, descobrir e aceitar que é essa a saída.

A experiência do Fort/Da funciona como símbolo. Ela representa um momento fundador: a emergência do inconsciente através do recalque do desejo materno. Perceber que o desejo materno não se esgota nela, aceitar a falta na mãe como algo que ela não pode preencher, se confrontar com a própria solidão, é só o começo de um longo caminho a ser percorrido. A intuição da falta tanto em si como no Outro: 'quem sou eu se não sou seu objeto?' , 'quem é ela se não é a mim que ela deseja?' abre um caminho cuja saída supõe a renúncia ao desejo de ser o objeto do desejo materno e a mobilização do desejo na procura de outros substitutos do objeto inicial, para sempre perdido. Há uma perda, a perda de uma parte do corpo que passa a se conformar com palavras. Há distanciamento e divisão do sujeito, que satisfaz parcialmente seu desejo através de partes fragmentadas, objetos secundários, contingentes e inadequados, disponíveis no campo da realidade. Há ocultamento do sujeito verdadeiro do inconsciente. O que não significa, para nada, deixar de fazer, de investir na realidade, de procurar transformar nos transformando.

O recalque originário proíbe o acesso à consciência do objeto materno, para sempre perdido. Proíbe, mas não é suficiente, porque o desejo originário de indiferenciação e harmonia ilusória insiste, se repete. Como acalmar a fera do incesto, como salvar o ego da pulsão de morte?, pergunta M.R.Kehl (Kehl, 1990:371). Na sua opinião, o único recurso eficaz para acalmar a fera é o prazer, algum prazer substitutivo do prazer alucinatório. Até aqui acompanhamos seu pensamento porque este prazer é criado pela própria criança que alucina o seio. Mas quando diz que é a "realidade", com seus pobres objetos parciais, que oferece esse prazer, nos perguntamos: a

realidade pode ser considerada como algo diferente do ego?, não é o ego que constrói a realidade, dependendo do seu olhar?. A realidade depende de cada olhar mas há realidades tão cruéis e miseráveis que não podem senão ser insuportáveis e traumáticas para qualquer olhar.

3.3.1- FORT/DA: Engendramento do Inconsciente. Renúncia ao Desejo Materno como Lugar de Onde Procede a Linguagem

Na perspectiva indicada por Lacan, o Fort/Da marca o momento em que a criança se vê forçada a operar um processo de 'substituição'. Substituição que abre para múltiplas substituições, mas que nesse momento primeiro se apresenta como substituição do desejo da mãe pelo símbolo, que, além de representá-la, supõe a aceitação de sua ausência. Para compreendermos esse processo nos referiremos a um elemento fundamental, até agora só evocado a partir da falta materna como instauradora do desejo na criança. Esse elemento fundamental, capaz de quebrar a ilusão de "completude" absoluta do laço imaginário mãe/filho, é representado pela metáfora paterna. Sem entrar na análise do modo como ela intervém nos três tempos do Édipo, nosso propósito é compreender seu significado a partir de sua articulação com o conceito de recalque originário,

constitutivo do inconsciente. Pensamos que desse modo podemos compreender o caráter inconsciente do desejo, enfatizado por Lacan.

A metáfora paterna é o termo escolhido por Lacan para designar a necessidade de um lugar, de uma função simbólica. Falar em termos de lugar e de função simbólicos significa que esse conceito lacaniano não pode ser confundido com o pai concreto, cuja presença real pode faltar sem que isso represente um obstáculo para a constituição do sujeito. A função paterna deve ser compreendida como algo diferente do pai real, como presença que evoca ausência, possibilidade de quebrar o vínculo dual mãe/filho. O pai que intervém no Edipo não é um objeto real, é uma metáfora.

Embora a metáfora paterna atue desde o momento inicial por causa da primazia do falo instaurada na ordem da cultura, introduzimos este conceito a partir do Fort/Da porque neste momento a figura paterna se torna menos velada, embora ainda não revelada, diz Lacan no seminário V sobre as formações do inconsciente (Lacan, 1970:89). Na experiência especular a figura paterna é mais velada porque o ego corporal que surge do espelho nega a presença do terceiro através do qual se constitui. Em outras palavras, a falta materna constitutiva do ego da criança -que pressupõe a existência do terceiro- é negada através da identificação com o objeto capaz de preencher essa falta.

A ação da metáfora paterna se torna mais evidente no Fort/Da, experiência que ilustra de modo explícito o encontro com a linguagem. Embora a criança ainda não tenha adquirido o domínio da palavra, esta experiência evoca a ação da metáfora paterna porque a criança percebe que algo, que se encontra em um outro lugar, desvia a atenção

da mãe. Se o filho ainda não associa claramente a ausência da mãe com a figura paterna, já sabe que não é ele quem capta sua atenção e mobiliza seu desejo na direção de outros objetos.

A passagem de objeto para sujeito do desejo não se realiza facilmente. Passamos muito tempo de nossa vida nessa tentativa. Mas, em todo caso, ela supõe, como condição indispensável, a ação do recalque primário e sua função de instituinte da divisão psíquica. O recalque originário representa o engendramento do inconsciente, mas falar em termos de recalque do desejo materno é uma "simplificação conceitual", porque são muitos os significantes que podem intervir desse modo, na medida em que designem algo da ordem do desejo materno (Dor, 1985:133).

A criança substitui a experiência imediata, a ilusão de formar com a mãe uma unidade perfeita, por outra que lhe abre acesso a uma outra dimensão na qual emerge como sujeito de um desejo que pode ser nomeado. Essa mudança de lugar pode se dar através de uma operação inaugural na qual ela se esforça por designar simbolicamente uma perda: a perda de uma mãe completa, a perda de um corpo. Uma tal designação só é possível se houver recalque do desejo da mãe.

3.3.2- A Criança do FORT/DA É Um Ser Falante, Mas Também Um Ser Habitado, Atravessado Pela Linguagem

Se o encontro com a linguagem é salutar na medida em que possibilita que o ego se designe como tal, por outro lado instaura uma divisão psíquica que separa o sujeito do discurso consciente de uma parte de si mesmo: o inconsciente. O acesso ao simbólico, ao mesmo tempo que permite que o sujeito -agora chamado 'Pedro' ou 'eu'- se inscreva no mundo da troca, da comunicação intersubjetiva, faz com que ele perca uma parte essencial dele mesmo, que não pode ser simbolizada. Por que? Porque no simbólico o sujeito não pode senão ser representado; porque o símbolo nunca coincide totalmente com o que ele representa; porque a palavra, embora se esforce por designar o objeto que representa, não consegue o encontro com o objeto adequado.

Ao nos referirmos à experiência do Fort/Da dissemos que o símbolo representa a 'morte' da coisa. Agora, ao nos referirmos ao conceito de 'spaltung' ou divisão do sujeito instituído pelo recalque originário e o engendramento do inconsciente, enfatizamos a idéia de que o símbolo é 'diferente' daquilo que representa. Isso significa que o discurso da consciência, através do qual o sujeito se nomeia, é diferente do discurso do inconsciente, no qual ele se perde. O sujeito desaparece como tal para só se encontrar representado através do símbolo. Assim, a fórmula lacaniana "o inconsciente é o discurso do outro" significa que o inconsciente é o discurso do outro do

sujeito, aquele que lhe escapa por causa de sua divisão. Lemaire se refere à divisão do sujeito do seguinte modo:

"J.Lacan lança os primeiros passos de sua teoria sobre o ser humano introduzindo a noção de spaltung. Achamos ter apreendido o sentido da vitória que representa para toda criança sua inserção no mundo simbólico dos pais e a assunção pela sua pequena pessoa do título de societário. Entretanto, não desenvolvemos o problema que essa passagem inelutável acarreta. Pois é bem no exílio que a criança caminha por esta via".

(Lemaire, 1979:117).

Algo se ganha e algo se perde com essa divisão. Aceitar que a mãe é proibida significa entrar no mundo da demanda. Quando o sujeito renuncia à mãe surge a falta, a partir da qual o desejo pode procurar outros objetos, se encontrar com a demanda, se fazer reconhecer. Mas quando o sujeito fala algo lhe escapa. "Há sempre uma cumplicidade entre o discurso e aquilo que ele rejeita para um alhures. É esse 'rejeitado' que importa, pois o campo da fala é o campo do desejo", diz Mannoni para destacar a profunda imbricação entre desejo, inconsciente e linguagem (M.Mannoni, 1995:96). A relação com isso que escapa é uma relação de interrogação a respeito do seu querer e do seu ser. Uma interrogação que nenhum objeto real pode responder porque este, nomeável, só é objeto para a demanda. Esse algo que escapa da fala, que pode ser inferido a partir dela, é a parte

faltante, o que o sujeito perde de seu ser por começar a falar. Uma parte que não pode estar articulada na fala.

Dizer que o acesso ao simbólico, pelo qual o sujeito se libera do imaginário no qual está inicialmente inscrito, o salva dessa captura para nela precipitá-lo novamente significa que o sujeito do discurso racional tende a ocultar cada vez mais o sujeito do inconsciente (Dor, 1985:155). A entrada no simbólico organiza uma recaída no imaginário que culmina com a chegada de uma representação imaginária: o ego. Separado, dividido dele mesmo por causa da linguagem, o sujeito é representado pelo ego que parece ser uma máscara, uma personagem. É por isso que Lacan afirma que o drama do sujeito está no verbo. Porque o verbo faz a prova de sua falta para ser, de seu desconhecimento em relação a si mesmo e ao seu desejo. Porque através da máscara, o sujeito se dissimula a si mesmo e aos outros.

"Como resolver, então, o enigma dessa recaída no imaginário que, no final das contas, parece resumir todo o benefício tirado pelo sujeito de sua promoção à linguagem? Na 'refenda', trata-se da mesma captação imaginária que na relação dual ou o acesso à relação mediata representa, apesar de tudo, um progresso?"

(Lemaire, 1979:119).

A recaída no imaginário não pode ser identificada com a captação imaginária inicial do ego e corporal, porque nesse momento o inconsciente ainda não estava constituído. Nesse tempo inicial a

presença do terceiro, representante do simbólico, não era só velada, mas também negada. Dizer que o desejo é sempre um impulso estruturante, desde a primeira forma que ele assume -alucinatória-, não significa que ele seja sempre inconsciente. Antes do recalque, ele é mais efeito do desejo da mãe, do qual ele depende. O filho depende do desejo da mãe, do inconsciente da mãe (Safouan, 1970:87).

A recaída no imaginário resultante da divisão psíquica provocada pelo recalque originário supõe o inconsciente da criança. É por isso que Nasio diz que a linguagem, embora implique uma recaída no imaginário, constitui um obstáculo para a realização plena do desejo incestuoso. Podemos querer negar a falta, nos colocar no lugar da criança do espelho, do objeto que completa o Outro. Mas o inconsciente, efeito da linguagem, está aí para lembrar que esse desejo é impossível e que, se for insistentemente procurado, só pode produzir sintoma, a fala de um corpo que sofre. Enquanto falarmos, enquanto continuemos sendo seres imersos no mundo da linguagem, jamais conseguiremos tampar definitivamente a falta. Algo se perde por falar. A fala, ao mesmo tempo que nos torna humanos, nos torna desconhecidos de nós mesmos e dos outros. Aprender a conviver com esse desconhecimento, que ele não se torne um obstáculo para continuar vivendo de modo criativo, é uma necessidade do sujeito.

Como seres falantes nos contentamos com pouco. O ser falante não quer o gozo desmedido representado pela satisfação do desejo absoluto (Nasio, 1994:34/35). Mas se contentar com uma "felicidade modesta" não significa que para a psicanálise não seja fundamental alimentar o desejo, manter viva sua fluidez. Desejar, se satisfazer com objetos substitutos, ao mesmo tempo que nos torna mais humanos

porque supõe assumir a aceitação da falta como algo impossível de ser preenchido, protege da satisfação absoluta identificada com a morte.

A alienação do sujeito no simbólico não pode ser pensada como regressão ao imaginário inicial. Ela representa progresso, desejo em movimento. Depois da ação do inconsciente, o imaginário é o lado consciente de um sujeito que está, também, habitado pelo inconsciente.

O desejo, quando se faz palavra, procura objetos substitutos através dos quais possa ser reconhecido e, ao mesmo tempo, se reconhecer. O desejo do sujeito nunca se libera da necessidade do outro. É sempre desejo de ser reconhecido pelo Outro, através do trabalho, dos objetos produzidos por um sujeito falante que aceita a falta e a permanente inadequação de um objeto contingente, excêntrico a qualquer solução de satisfação plena. O desejo não é sempre articulável, mas é articulado através da demanda. Falar é demandar. Demandar é desejar reconhecimento.

Isso, quanto ao desejo de reconhecimento. E o reconhecimento do desejo? Às vezes, a alienação do sujeito na linguagem provoca um sofrimento tal que o leva a se interrogar sobre a verdade do seu desejo, dissimulada por trás do sintoma. Qual é essa verdade? Ela supõe a ação do recalque secundário, o recalque de um desejo que o sujeito não consegue assumir. Assumir a existência de um desejo recalcado, produtor de sintoma, não significa ter que realizá-lo. Poder se liberar do sofrimento causado pelo desejo recalcado significa poder substituí-lo por outros significantes que mobilizem o desejo do sujeito, que provoquem uma abertura do inconsciente na direção de outros substitutos. Para Nasio o significante não se reduz

a uma palavra. Pode ser um gesto, um silêncio, um som, uma interpretação que assume a função de acompanhar, preservar e alimentar o desejo em psicanálise (Nasio, 1994:17). Alimentar o desejo significa propiciar seu movimento, sua entrega a múltiplas substituições, sua possível liberação das amarras do sintoma.

Nesse sentido podemos dizer, com Niceas, que a função do analista é levar o paciente pelo caminho próprio do desejo, para que através de uma travessia singular, ele possa emergir de uma história e não sob os aspectos deformados pela repressão (Niceas, 1990). Falar de caminho próprio do desejo não significa identificá-lo com um desejo oculto, que deveria se revelar para poder ser reconhecido e assumido. O desejo supõe o reconhecimento e a possibilidade de ultrapassá-lo através de sua impossibilidade de saturação definitiva. Assim, o desejo pode se ligar a outros, vários, múltiplos objetos através dos quais construímos nossa identidade.

De 'um' desejo a ser assumido, podemos falar se pensarmos em termos de final de análise, do momento -pois se trata de um momento e não de um estado- em que o sujeito se defronta com a realidade do desejo enquanto morte. Este desejo não é mortífero pois não é objeto preenchendo o gozo. Ao contrário, ele supõe a castração, isto é, a morte do sujeito e do Outro enquanto não castrados.

"Embora o desejo, por se articular em demanda, não deixe de se realizar no acesso a um bem até então não disponível para o sujeito, o que caracteriza a visada da psicanálise é apontar, além de qualquer realização de desejo, para a castração, abordada no âmbito do seminário sobre a ética, sob o aspecto da relação fundamental do

desejo com a morte. Morte a ser compreendida não como morte natural, inscrita no ciclo vital, mas como morte simbólica (...)".

(Souza, 1991:89/90).

O objetivo da morte simbólica -da segunda morte, como a chama Lacan- é que o sujeito possa encontrar a experiência da castração. Castração esta que não pode ser identificada com resignação, com tomada de consciência dos limites do desejo, pois ela se refere à castração do Outro, isto é, à percepção de que aquilo que nos falta, também falta ao Outro (idem: 91). A aceitação da falta do Outro confronta o sujeito com a solidão e o desamparo estrutural, mas supõe a libertação da culpa, efeito da ambivalência provocada pela insuficiência paterna. A segunda morte não é um estado mas sim um instante, um momento que marca uma transformação radical mas que não promete nada, a não ser aceitarmos nossa condição de seres mortais, falantes e faltantes, eternos desejantes. Algo essencial muda -desculpabilização, saber o que fazer com o nosso desejo-, mas esse algo não tem nada a ver com onipotência, com pensar que se atingiu algum estado privilegiado, garantia de nossa felicidade.

Que quer dizer autenticidade, verdade última do sujeito do inconsciente, do ser do sujeito? A autenticidade não seria mais um fazer, um se deixar ser, apesar de tudo, apesar de não saber quem nós somos? A essência do ser é inatingível. É a própria lei do desejo, da insatisfação, da castração -que inclui a contradição e o conflito- que movimenta o desejo na procura de algo diferente, distanciado do desejo originário.

3.3.3 - O Desejo é Sempre Inconsciente?

O desejo está comprometido na relação com o outro, é inconsciente e não se encontra vinculado somente ao sintoma ou ao sonho. O desejo se constitui num ponto de carência, além do que a mãe diz ou faz surgir como sentido, no lugar onde o desejo da mãe é desconhecido, diz Lacan no Seminário XI sobre os quatro conceitos (Lacan, 1973:199).

O Fort/Da compreendido como acesso ao mundo dos símbolos é uma experiência inserida na dialética edipiana, que nesse momento aparece como instauradora do inconsciente através do recalque originário. O desejo se constitui como efeito da relação com a linguagem, se ordena a partir dessa estrutura edípica na qual a mãe é proibida. Compreender a relação entre origem da linguagem, recalque do desejo originário e desejo como impulso inconsciente, sempre insatisfeito e destinado à permanente substituição significa, na perspectiva indicada por Lacan, que a partir do momento em que a criança começa a falar se torna não só sujeito que fala, mas também sujeito habitado, atravessado pela fala.

"Nós somos seres falantes (...). Poderíamos ter acrescentado: não somos apenas seres falantes, somos seres habitados pela linguagem" (Nasio, 1994:36). O conceito de desejo inconsciente, pensamos, pode ser compreendido através desta gradação apontada por Nasio. Não a partir do primeiro grau -o grau empírico que nos mostra como seres falantes-, mas a partir do segundo grau, aquele que nos

mostra como seres que, habitados e atravessados pela linguagem, "permanecemos expostos à sua incidência" (idem:37).

A partir de um momento da evolução edipiana a criança começa a associar a ausência da mãe com a presença do pai como lugar onde se exerce a lei de interdição do incesto. O Nome do Pai enquanto metáfora substitui o desejo da mãe. Esta substituição e as outras sucessivas não implicam que a criança não continue a nomear sempre, metaforicamente, o objeto fundamental de seu desejo, agora inconsciente. É nesse sentido que se deve entender a idéia de que a linguagem expressa a eternização do objeto fundamental do desejo. Os novos objetos que surgem, que o sujeito começa a nomear e se esforça por 'ter' -já que o desejo de 'ser' o falo' foi reprimido e substituído pelo desejo de 'ter'- são sempre substitutos do desejo primeiro, perdido para sempre. Com o recalque originário e a metáfora paterna o desejo começa a se expressar através da linguagem, se faz palavra através de uma demanda que pode ser escutada, mas permanece insatisfeita porque não encontra resposta adequada. O desejo se perde, de objeto em objeto, na cadeia indefinida dos significantes que simbolizam esses objetos substitutos que sempre designam, sem que o sujeito saiba nada disso, o desejo primordial. A divisão instaurada pelo recalque estrutura, possibilita a fala, mas aliena o sujeito na linguagem. O sujeito é efeito da linguagem que o faz existir para logo eclipsá-lo enquanto tal (Dor, 1985:137).

A divisão do sujeito adquire uma significação inaugural: o advento do sujeito através do asujeitamento a uma ordem terceira, a ordem simbólica. Mas o sujeito que fala, que ingressa no mundo da linguagem através do acesso à palavra, é um sujeito que não sabe o

que diz quando fala. Um sujeito que quando fala continua nomeando, sem o saber, o objeto do seu desejo.

O inconsciente como discurso do outro do sujeito -do outro que lhe escapa por causa de sua divisão- é inaugurado com o recalque originário e se constitui, progressivamente, numa cadeia de significantes através de sucessivos recalques metafóricos. Os significantes reprimidos inconscientes podem voltar, isto é, aparecer na cadeia falada consciente sob forma de substituições, como os lapsos.

Para compreendermos a relação sujeito do inconsciente/sujeito falante, tal como é formulada a partir de uma perspectiva lacaniana, devemos distinguir enunciação e enunciado. O sujeito do inconsciente, do desejo, o sujeito que apenas constituído se perde na verdade do seu ser é o sujeito que emerge da linguagem, ou seja, do significante, da enunciação.

O eu do enunciado é o sujeito falante que se comunica com o outro com quem se identifica ao nível imaginário. Apenas podemos ser conscientes do nosso estatuto imaginário e do nosso desconhecimento em relação a nós mesmos. Separado de si mesmo pela linguagem, o sujeito é representado por um ego máscara, personagem que se desconhece, que não sabe quem ele é do ponto de vista do desejo. Para Lacan, não se trata de substituir o id pelo ego, pois isso supõe a aceitação de um ego forte. Na sua concepção, o ego deve ceder seu passo ao sujeito na autenticidade de seu desejo, cuja verdade está sempre comprometida por causa da inevitável alienação na linguagem do sujeito dividido. No discurso racional, científico, lógico, o sujeito

se ilude e pensa que sabe sobre o saber verdadeiro. Seu discurso neutraliza o sujeito do inconsciente (Dor, 1985:164).

E o sujeito do discurso comum, da troca com o outro, da comunicação intersubjetiva autorizada pelo código do discurso? Ele não se pretende verdadeiro, sabe que é uma máscara. Pode mentir. Pode esconder. Quiçá seja essa a única força do ego. O direito ao segredo, tanto consciente quanto inconsciente. Pode ser que sua palavra seja às vezes vazia, porque o desejo é sempre desejo de outra coisa do que veicula a demanda. Mas isso não impede um viver criativo no qual o afeto possa transitar, com seus limites marcados pela lei. A referência ao outro é fundamental. É o princípio da comunicação.

De objeto em objeto o todo desejado se fragmenta em partes que evocam outra coisa com a qual está intrinsecamente ligado. Mas a palavra não pode ser identificada com o objeto da realidade, através do qual nos satisfazemos parcialmente. Pensamos que aqui está o problema que nos levou a nos perguntar se o desejo devia, necessariamente, ser sempre inconsciente.

Podemos desejar ao nível consciente. Podemos satisfazer parcialmente o desejo através de objetos da realidade que buscamos conscientemente. Mas a palavra não pode ser identificada com o objeto real que satisfaz. As palavras que se substituem designam uma parte desse todo jamais alcançado. A palavra que tropeça, não a palavra comum, evoca a idéia de significante. Mas não por causa de um critério linguístico, senão porque, do mesmo modo que o gesto ou o silêncio, ela é involuntária. O inconsciente só existe no campo da psicanálise, no tratamento analítico, diz Nasio para insistir na idéia de que só há inconsciente quando alguém o escuta e o reconhece

(Nasio, 1994:49). A fala que interessa à psicanálise é a fala que tropeça, o gesto desajeitado, tanto do analista quanto do paciente. Também Lacan diz que "não temos meio de saber se o inconsciente existe fora da psicanálise" (Lacan, apud Nasio, 1994:52).

Nos interessamos pelo inconsciente quando há sofrimento, infelicidade decorrente de um desejo que insiste, que só pode ser falado através do sintoma. O inconsciente que se manifesta através do sintoma é produzido na experiência analítica e pode ir além dela. Vejamos como Nasio ilustra esta idéia de um inconsciente pertencente a ambos os parceiros da relação analítica, que circula não só no momento da sessão mas também fora dela. Um inconsciente que não se manifesta só através da palavra, mas também de gestos significativos e espontâneos como aquele que faz o próprio Nasio -analista- quando relata o caso de um paciente que não pode evitar enrubescer ante a visão de mulheres bonitas. Ao comentar este caso Nasio toca suas bochechas. Esse seu gesto significa, na sua opinião, que ele faz parte do sintoma do paciente, que algo que se encontra fora deles, além deles, está associado. "Em outras palavras, ignoro, e meu paciente também ignora, como seu desejo inconsciente se repete através do meu" (Nasio, 1994:71).

Não se pode falar do inconsciente sem se reconhecer afetado por ele. "Não há meio de falar do inconsciente com palavras que tenham peso, sem que essa própria fala seja afetada pelo inconsciente" (idem:80). O sujeito do inconsciente não pode ser identificado com o indivíduo da unidade egoíca. Nosso propósito é tentar impedir qualquer valorização, tanto do ego -que supõe conflito e está atravessado pelo inconsciente, que aliena ao mesmo tempo que

estrutura o sujeito-, quanto do inconsciente constitutivo do sujeito -que deve ser chamado e escutado quando for necessário. Quando houver sofrimento, infelicidade. Ou desejo de análise que não implica, necessariamente, sofrimento insuportável.

Em Estruturalismo e Psicanálise, Safouan diz que não há desejo porque há um inconsciente primitivo, que deveria elevar-se ao nível consciente. "Existe desejo porque existe inconsciente, isto é, linguagem que escapa ao sujeito na estrutura e nos efeitos". Existe sempre algo ao nível da linguagem que está além da consciência, "e é aí que pode se situar a função do desejo". O desejo deve ser inferido do consciente para o inconsciente, do conhecido para o desconhecido, porque há uma distância. O conhecido se designa com palavras. Mas se houvesse só o conhecido ou se o sujeito estivesse apenas onde ele próprio se indica, ele coincidiria. A linguagem é antipática à designação de quem designa como tal, do sujeito que fala. Por isso há dois processos, do enunciado e da enunciação. O sujeito não sabe o que faz quando fala (Safouan, 1970:32).

Como nasce o sujeito do inconsciente? Como pode um ser surgir do nada? O real é um vazio ou um lugar cheio?. O real é um lugar demasiadamente cheio no qual uma impossibilidade deve emergir para que possa surgir um ser positivo, isto é, um ser dividido, não completo.

"Quando, nesse lugar onde Tudo é possível, revela-se uma -e uma única- impossibilidade, um único obstáculo, um único menos, então existe aí

o nascimento de um ser positivo, o sujeito do inconsciente (...). O sujeito do inconsciente nasce, precisamente, ali onde se ergue o obstáculo de uma impossibilidade" (Nasio, 1994:82/83).

Finalizamos o capítulo com estas idéias formuladas por Nasio, pois ao mesmo tempo que ele reconhece o valor estruturante do inconsciente -sem o qual a criança não poderia começar a falar- não cai numa valorização exagerada que privilegiaria, como único caminho de um viver autêntico e verdadeiro, a produção incessante de um inconsciente inesgotável. O inconsciente que, como ele diz, existe no campo da experiência analítica, ou quando alguém o escuta ou reconhece, faz parte do ser falante. Às vezes se torna mais visível, quando denunciado pelo sintoma. Às vezes produz riso, quando surge inesperada e espontaneamente, num gesto ou palavra não angustiante. Às vezes está aí, motor invisível de nossos atos, de nossas escolhas, de nosso modo de ser e de falar. Que ele exista, continue seu caminho e por vezes surpreenda não significa deixar de investir no mundo dos objetos reais. Com conflito, incerteza, prazer.

CONCLUSÕES

Chegou o momento de juntar as idéias principais que foram surgindo no decorrer deste trabalho, e de nos perguntar se elas serviram para compreender o significado ou alcance do conceito de desejo. Ao refletir sobre o modo como o desejo se constitui -desde o momento em que a criança alucina o seio materno até o momento em que ela começa a falar- foi se revelando a importância de se incorporar várias questões que ultrapassavam a tentativa de compreender o modo como o desejo se articula a partir desses momentos-chaves do desenvolvimento da criança. Entre elas, destacamos as seguintes por considerá-las fundamentais para compreender a função do desejo no processo de construção do sujeito, do mesmo modo que o caráter complexo deste processo.

1- Nossa preocupação ao pensar sobre o desejo foi, desde o começo até o final desta reflexão, tentar compreender seu valor estruturante. Nesse sentido, no primeiro capítulo enfatizamos a idéia defendida por Nasio de que o desejo sob sua forma primeira --- alucinatória- emerge como impulso que protege do gozo absoluto representado pela imagem mítica do incesto. No capítulo dois, ao refletir sobre a problemática do desejo a partir da experiência do espelho, também insistimos na idéia de que o desejo de completar a mãe estrutura a criança. Com efeito, se o real do corpo fragmentado pode ser substituído por uma percepção diferente -a emergência do ego como unidade imaginária-, é graças à inserção da criança na dialética

do desejo que, nesse momento, se manifesta sob a forma de identificação com o objeto faltante. No capítulo três, ao analisar a problemática do desejo a partir de sua articulação com a brincadeira do Fort/Da, também vimos a conquista que representa para a criança a possibilidade de nomear o objeto do desejo. Poder nomear o objeto significa poder renunciar a ele. A partir desse momento se inaugura um complexo processo, através do qual a criança deixa de pensar que é ela o único objeto do desejo materno, aceita a falta como elemento constitutivo e mobiliza seu desejo em direção a outros, múltiplos objetos substitutos do desejo originário.

A idéia de que o desejo não produz sempre prazer, que este impulso pode também provocar angústia, sofrimento ou sintoma, revela o caráter complexo e conflitivo do desejo. Em relação a ela gostaríamos de destacar alguns pontos. Em primeiro lugar, que o prazer do desejo é sempre um prazer parcial, que reconhece o limite imposto pela lei de interdição do incesto, isto é, que se realiza através de objetos substitutos, contingentes e inadequados. Existe um ponto em qualquer satisfação que não pode ser ultrapassado. Essa barreira protege o sujeito do gozo absoluto representado pela imagem mítica do incesto. Dizer que o desejo não pode ser confundido com o gozo absoluto, reenvia à idéia de impossibilidade: de ultrapassar esse limite, da saturação do desejo. O que não significa deixar de estar no mundo como seres faltantes, eternos desejantes, condenados a investir nos diferentes objetos que vão se substituindo.

Mas o desejo não é sempre prazer. Ele pode produzir angústia, dor, sofrimento. A complexidade e o caráter conflitivo do desejo se revelam aqui com toda sua força. Como afirmar que o desejo é um

impulso protetor, ligado à vida, se ele provoca angústia, a dor de um sintoma? O objeto desejado é fonte de angústia quando há recalque, impossibilidade de aceitar um aspecto recalcado do desejo. A dificuldade para realizar um desejo qualquer, é efeito do recalque secundário. Por trás de um desejo se esconde outro, recalcado, fonte de angústia. Liberado das amarras do recalque (quando isso é possível) o desejo pode circular entre diferentes objetos com menor angústia, com maior aceitação dos limites impostos pela lei de interdição do incesto e encontrar, assim, um prazer não mais identificado com o prazer do sintoma. Liberado das amarras do recalque o desejo pode, também, ser realizado. O desejo não é como o trigo para a galinha, diz Lacan para insistir no caráter complexo e conflitivo do desejo, que nem sempre produz prazer, que nos confronta inevitável e permanentemente com nossa condição de seres faltantes. Por trás das diferentes máscaras que o desejo pode se colocar -prazer, angústia, sintoma, dor- ele é um impulso vital, sua função é a de proteger desse estado de indiferenciação em que nada é possível porque tudo é possível. O sujeito teme que possa lhe faltar esse desejo, por isso às vezes o evita: o sujeito subsiste, resiste, fora do que é seu desejo.

2- Outra idéia fundamental para compreender o conceito de desejo tal como é pensado a partir da perspectiva indicada por Lacan diz respeito ao seu caráter inconsciente. Se este conceito é introduzido no terceiro capítulo, é porque a brincadeira do Fort/Da simboliza o acesso à linguagem com a dimensão de perda que ela implica.

Antes desse momento, quando a criança vivencia a experiência de satisfação e a experiência especular, ela é introduzida na dialética do desejo através do inconsciente da mãe. É porque a mãe é um ser castrado, marcado pela perda, imerso no mundo simbólico, que o filho pode encontrar um lugar para começar a se estruturar. O desejo, que nesse momento evita a castração porque a criança se identifica com o objeto faltante, ao mesmo tempo supõe a falta no Outro. O desejo supõe o inconsciente.

Dizer que o desejo é inconsciente significa defender uma determinada concepção do sujeito, isto é, que o encontro com a linguagem instaura uma divisão no sujeito. O símbolo representa a possibilidade de substituir a ausência da coisa, mas ele é diferente daquilo que representa, por isso o sujeito jamais pode ser representado em sua totalidade. Algo se perde por falar. A divisão psíquica, efeito da linguagem, separa o sujeito do discurso consciente de uma parte de si mesmo: o inconsciente.

E o desejo? Tomando como base o pensamento de vários autores que pensam esta problemática, no capítulo três, ao refletir sobre o desejo e seu caráter inconsciente, levantamos alguns pontos que consideramos importantes para compreender a profunda imbricação entre desejo e inconsciente. Não há desejo porque existe um inconsciente primitivo, que deveria elevar-se ao nível da consciência; existe desejo porque existe inconsciente, linguagem que escapa ao sujeito. O inconsciente estrutura o sujeito, ao mesmo tempo que o aliena na verdade do seu desejo. Acompanhando esta idéia, nosso propósito foi insistir na preocupação de não cair numa valorização excessiva deste conceito. Privilegiar palavras como "autenticidade"

ou "verdade", a busca incessante de um inconsciente inesgotável, pode ser um vício que rouba do mundo da troca com o outro, da intersubjetividade, do afeto, um pouco de sua riqueza imprevisível.

Para finalizar, gostaria de insistir na idéia de que o inconsciente pode e deve ser chamado quando houver sofrimento, desejo de analisar ou de ser analisado. O desejo emerge entre as palavras, em alguns gestos, atos ou decisões que se impõem com toda sua força demonstrando a emergência de 'alguma' verdade -sempre incompleta, mas que em algo diz respeito à nossa história e ao nosso modo de estar no mundo. Esse 'algo', esse graõzinho de verdade alimenta o desejo de continuar desejando. E é exatamente porque o desejo pode ser continuamente resignificado, que a incapacidade pode se transformar em impossibilidade, e abrir algumas possibilidades.

BIBLIOGRAFIA

- AULAGNIER, Piera. Um Intérprete em busca do sentido I, São Paulo, ed. Escuta, 1990.
- _____ . Les destins du plaisir, Paris, ed. Presses Universitaires de France, 1979.
- BEZERRA, Benilton. "Descentramento e sujeito - versões da revolução copernicana de Freud", in Redescrições da psicanálise, Rio de Janeiro, ed. Relume Dumará, 1994.
- BIRMAN, Joel. "A razão da impostura", in J. Birman e C.A. Niceas (coords.). O Objeto na teoria e na prática psicanalítica, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1984.
- _____ . Psicanálise, Ciência e Cultura, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1994.
- BLEICHMAR, Hugo. El narcisismo, Buenos Aires, ed. Nueva Visión, 1991.
- BLEICHMAR, Silvia. En los orígenes del sujeto psíquico. Del mito a la historia. Buenos Aires, ed. Amorrortu, 1984.
- CLÉMENT, Catherine; GANTHERET, François e MÉRIGOT, Bernard. La Psychanalyse, Paris, ed. Larousse, 1976.
- CHEMAMA, Roland (dir.). Dictionnaire de la Psychanalyse, Paris, ed. Larousse, 1993.
- DIATKINE, René. "Le psychanalyste et l'enfant", in: L'enfant, Nouvelle Revue de Psychanalyse, no. 19, Paris, ed. Gallimard, 1979.
- DOLTO, Françoise. Au jeu du désir. Paris, ed. Seuil, 1981.

- DOR, Joel. Introduction à la lecture de Lacan, Paris, ed. Denoel, 1985.
- FREUD, Sigmund. Proyecto de una psicología para neurólogos, in Obras Completas, T.I, Madrid, ed. Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. La interpretación de los sueños, cap. VI e VII, in Obras Completas, T.I, Madrid, ed. Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. Tres ensayos para una teoría sexual, in Obras Completas, T.II, Madrid, ed. Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. Introducción al narcisismo, in Obras Completas, T.II, Madrid, ed. Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. Más allá del principio del placer, in Obras Completas, T.III, Madrid, ed. Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. Psicología de las masas y análisis del yo, in Obras Completas, T.III, Madrid, ed. Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. El Yo y el Ello, in Obras Completas, T.III, Madrid, ed. Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. Malestar en la Cultura, T.III, Madrid, Ed. Biblioteca Nueva, 1973.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1987.
- _____. Introdução à metapsicologia freudiana, vol. I, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1991.
- _____. Introdução à metapsicologia freudiana, vol. II, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1993.
- GREEN, André. "L'enfant modèle", in: L'enfant, Nouvelle Revue de Psychanalyse, no. 19, Paris, ed. Gallimard, 1979.

- JULIEN, Philippe. Le retour à Freud de Jacques Lacan, l'application au miroir, Toulouse, ed.Erès, 1985.
- KEHL, Maria Rita. "O desejo da realidade", in Adauto Novaes (org.): O Desejo. São Paulo, ed.Companhia das Letras, 1990.
- LACAN, Jacques. "De nos antécédent", in Écrits, Paris, ed.Seuil, 1966.
- _____ . "Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je", in Écrits, Paris, ed.Seuil, 1966.
- _____ . "Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse", in Écrits, Paris, ed.Seuil, 1966.
- _____ . Les écrits techniques de Freud, sem.I, Paris, ed.Seuil, 1975.
- _____ . Las formaciones del inconsciente, sem.V, Buenos Aires, Ed.Nueva Visión, 1970.
- _____ . El deseo y su interpretación, sem.inédito, Escuela Freudiana de Buenos Aires. Biblioteca y Centro de Documentación, 1958/59.
- _____ . A Ética da Psicanálise, sem.VII, Rio de Janeiro, ed.Zahar, 1991.
- _____ . Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, sem.XI, Paris, ed.Seuil, 1973.
- LAPLANCHE E PONTALIS. Diccionario de Psicoanálisis, Barcelona, ed.Labor, 1971.
- LECLAIRE, Serge. On tue un enfant, Paris, ed.Seuil, 1975.
- ANZIEU, Didier. "Pour une psycholinguistique: bref bilan et questions préliminaires", in Psychanalyse et langage: du corps à la parole, Paris, ed.Dunod, 1977.

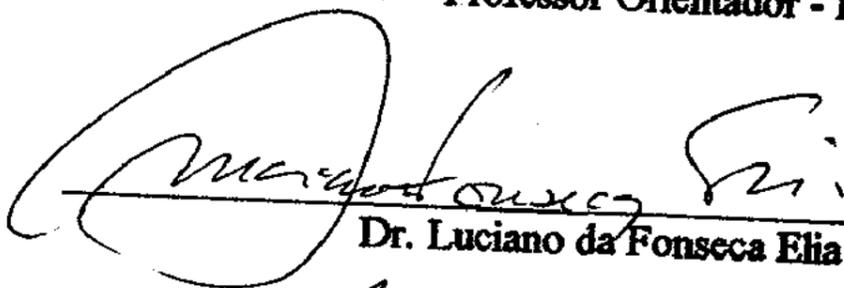
- LEMAIRE, Anika. Jacques Lacan. Uma introdução, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1979.
- MANNONI, Maud. La théorie comme fiction, Paris, ed. Seuil, 1979.
- _____. Le symptôme et le savoir, Paris, ed. Seuil, 1983.
- _____. Amor, Ódio, Separação, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1995.
- MANNONI, Octave. Freud, Paris, ed. Seuil, 1968.
- Mc.DOUGAL, Joyce. Em defesa de uma certa anormalidade, Porto Alegre, ed. Artes Médicas, 1983.
- NASIO, Juan David. A criança magnífica da psicanálise, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1988.
- _____. Os olhos de Laura, Porto Alegre, ed. Artes Médicas, 1991.
- _____. Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1992.
- _____. Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1994.
- NICÉAS, Carlos Augusto. "O objeto na intersubjetividade", in J. Birman e C.A. Niceas (coords.): O Objeto na teoria e na prática psicanalítica. Rio de Janeiro, ed. Campus, 1984.
- _____. "Sobre Clínica e Ética", Cadernos da Psicanálise, 1990.
- _____. "Mal-estar na sexualidade, mal-estar do psicanalista", in: Anuário brasileiro de psicanálise 92/93, Rio de Janeiro, ed. Relume Dumará, 1991.
- PALMIER, Jean-Michel. Lacan, Paris, ed. Universitaires, 1972.

- SAFOUAN, Moustapha. O fracasso do princípio do prazer, São Paulo, ed. Papyrus, 1988.
- _____ . Estruturalismo e Psicanálise, São Paulo, ed. Cultrix, 1970.
- SOUZA, Octavio. "Reflexão sobre a extensão dos conceitos e da prática, in Clínica do social, São Paulo, ed. Escuta, 1991.
- _____ . "Uma visita ao amor e à conjugalidade na obra de Freud", in: Anuário brasileiro de psicanálise 1992-93, Rio de Janeiro, ed. Relume Dumará, 1991.
- _____ . Fantasia de Brasil, São Paulo, ed. Escuta, 1994.
- VIDAL, Eduardo. "A questão do objeto no campo freudiano", in J. Birman e C.A. Niceas, (coords.): O objeto na teoria e na prática psicanalítica, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1984.
- WINNICOTT, D.W. O Brincar e a Realidade, Rio de Janeiro, ed. Imago, 1975.

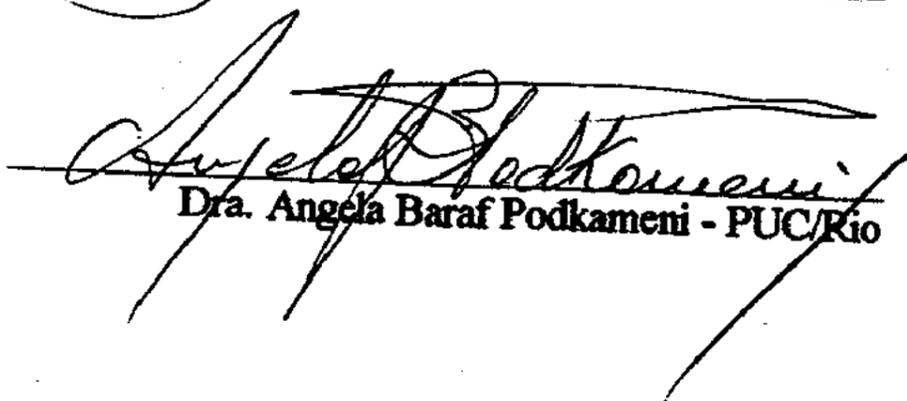
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Graciela Quintana de Gomes intitulada "Desejo e estruturação do Sujeito: Uma leitura a partir de três hipóteses psicanalíticas", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Octávio Almeida de Souza
Professor Orientador - PUC/Rio

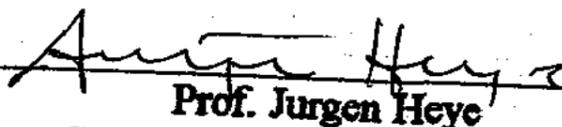


Dr. Luciano da Fonseca Elia - UERJ



Dra. Angela Baraf Podkameni - PUC/Rio

Rio de Janeiro, 28 de julho de 1995.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Coordenação de Pós-Graduação e Pesquisa
Departamento de Psicologia